



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**VITÓRIA THASLENY AGUIAR DOS SANTOS**

**A GEOGRAFIA DA INCLUSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL: A  
IMPORTÂNCIA DE UM ENSINO GEOGRÁFICO INCLUSIVO NA CONSTRUÇÃO  
DO SABER/FAZER DO PROFESSOR**

**GUARABIRA-PB  
2023**

VITÓRIA THASLENY AGUIAR DOS SANTOS

**A GEOGRAFIA DA INCLUSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL: A IMPORTÂNCIA DE  
UM ENSINO GEOGRÁFICO INCLUSIVO NA CONSTRUÇÃO DO SABER/FAZER  
DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia.

**Área de concentração:** Geografia, Educação e Cidadania

**Orientador:** Prof. Dr. Ramon Santos Souza

**GUARABIRA-PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237g Santos, Vitoria Thasleny Aguiar dos.

A geografia da inclusão na formação inicial [manuscrito] : a importância de um ensino geográfico inclusivo na construção do saber/fazer do professor / Vitoria Thasleny Aguiar dos Santos. - 2023.

68 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Ramon Santos Souza, Departamento de Geografia - CH. "

1. Geografia da Inclusão. 2. Inclusão. 3. Formação de Professores. 4. Sala de Aula. I. Título

21. ed. CDD 911

VITÓRIA THASLENY AGUIAR DOS SANTOS

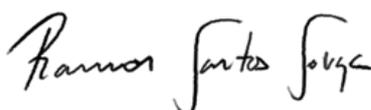
**A GEOGRAFIA DA INCLUSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL: A IMPORTÂNCIA DE  
UM ENSINO GEOGRÁFICO INCLUSIVO NA CONSTRUÇÃO DO SABER/FAZER  
DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)  
apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Geografia  
da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em  
Geografia.

**Área de concentração:** Geografia, Educação e  
Cidadania

Aprovado em: 14/11/2023

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Ramon Santos Souza (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra Juliana Nóbrega de Almeida (Examinadora Interna)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Simone da Silva (Examinadora externa)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por tamanha generosidade e cuidado comigo, por ser meu sustento e meu alívio durante todos os momentos de minha vida. Este ciclo que se finda me ensinou que Deus sempre cuidou de cada detalhe e me mostrou que sua vontade é sempre boa, perfeita e agradável. Hoje se cumpre o que Ele havia me prometido.

A minha mãe, Sanderleya Aguiar, por ter me dado à vida tantas vezes. Sei que os seus joelhos dobrados já me livraram de muitas coisas, bem como, foram graças as suas orações que estou viva, e que juntas, superamos muitas coisas. Obrigada por ser meu maior exemplo de perseverança, força e fé. É por você, mãe. Essa conquista é nossa!

A Pedro Lucas, um dos presentes que a UEPB me deu, obrigada por ter estado ao meu lado durante essa árdua caminhada. Juntos, nós compartilhamos muitos momentos, alguns alegres, outros tristes e não tão fáceis, mas sempre juntos, motivando, torcendo e vibrando pelas conquistas um do outro. Nós formamos uma grande dupla.

A professora Juliana Nóbrega de Almeida, por ter me acolhido e me ensinado muito além dos conhecimentos geográficos. Obrigada por cada palavra de carinho e motivação, como também, por cada abraço apertado que dizia mais do que mil palavras. Obrigada por ter confiado em mim, mesmo nas vezes que nem eu mesma confiei. Obrigada por ser exemplo!

Ao professor Ramon Santos Souza, por ser um exemplo de profissional e ser humano empático, generoso, acolhedor que com muita gentileza aceitou ser meu orientador neste momento. Aprendi muito com o senhor, e tenho muita admiração pelo profissional que é.

Ao GPSEG/UEPB, por ter me proporcionado tantos momentos de aprendizagem, troca e amadurecimento, tanto como pesquisadora, como professora de Geografia, como também, como ser humano. Levarei cada aprendizado e cada momento vivido através do grupo de pesquisa, em um cantinho muito especial do meu coração.

Ao meu “fundão” tão querido, composto por Alicia, Milena, Andson, Sylmara, Rafaela, Kaylane, Gerdeson e Bianca. Obrigada por serem o alívio e a leveza durante todas as nossas idas e vindas, tão cansativas, da universidade. Vocês me proporcionaram muitos sorrisos e sempre serei grata pela amizade de cada um.

A todos os professores que passaram ao longo da minha caminhada escolar e acadêmica, por de uma forma ou de outra, contribuírem para que eu chegasse até aqui.

A professora Simone Da Silva que gentilmente aceitou avaliar meu trabalho e sugerir apontamentos para a melhoria do mesmo.

A todos os funcionários da UEPB - campus III.

*“Feliz aquela que acreditou, porque será cumprido o que lhe foi dito da parte do Senhor.”*

**Lc 1:4**

## RESUMO

Com esta pesquisa objetivamos refletir qual o lugar da construção dos processos de ensino e aprendizagem sobre inclusão para os professores em formação inicial de Geografia, da UEPB, Campus III, CH. Buscando entender também o que a UEPB/CH, está fazendo para aumentar as discussões acerca de um ensino geográfico inclusivo e sua influência na construção do saber/fazer dos futuros professores de Geografia. Sendo assim, esta pesquisa teve como base um caráter exploratório e explicativo, utilizando de uma abordagem qualitativa, como também do materialismo histórico dialético, que auxiliou a análise de contradições entre o potencial exercido pela inclusão e as limitações que existem para a implementação de uma Geografia da Inclusão na formação docente. Visto que a Educação Inclusiva ainda é pouco discutida no Brasil, mas se faz urgente o aumento de diálogos e ações pedagógicas que sejam capazes de transformar o ambiente escolar em um lugar baseado no acolhimento de todos os alunos. Afinal de contas, aceitar o outro como ele é, não é apenas um ato de bondade, mas é o nosso dever, sobretudo no ambiente escolar, pois o papel do professor é ser mediador de processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, a Universidade tem o papel fundamental na oferta de oportunidades para que os graduandos reflitam acerca de uma Geografia da Inclusão. Todavia, os graduandos em formação inicial em Geografia na UEPB/CH, ainda se sentem inseguros em trabalhar com uma ciência geográfica inclusiva, mas ressaltam a importância da ampliação de diálogos acerca de uma Geografia da Inclusão.

**Palavras-chave:** Inclusão; formação de professores; sala de aula; Geografia da Inclusão.

## ABSTRACT

With this research we aim to reflect on the place of construction of teaching and learning processes about inclusion for teachers in initial Geography training, at UEPB, Campus III, CH. Also seeking to understand what UEPB/CH is doing to increase discussions about inclusive geographic teaching and its influence on the construction of knowledge/doing of future Geography teachers. Therefore, this research was based on an exploratory and explanatory nature, using a qualitative approach, as well as dialectical historical materialism, which helped to analyze contradictions between the potential exercised by inclusion and the limitations that exist for the implementation of a Geography of Inclusion in teacher training. Since Inclusive Education is still little discussed in Brazil, there is an urgent need to increase dialogues and pedagogical actions that are capable of transforming the school environment into a place based on welcoming all students. After all, accepting others as they are is not just an act of kindness, but it is our duty, especially in the school environment, as the teacher's role is to be a mediator of teaching and learning processes. In this way, the University has a fundamental role in offering opportunities for undergraduates to reflect on a Geography of Inclusion. However, undergraduates undergoing initial training in Geography at UEPB/CH still feel insecure about working with an inclusive geographic science, but emphasize the importance of expanding dialogues about a Geography of Inclusion.

**Keywords:** Inclusion; teacher training; classroom; Geography of Inclusion.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Mapa De Localização Do Município De Guarabira-PB.....	25
<b>Figura 2</b> - Formulário compartilhado com os estudantes da UEPB.....	27
<b>Figura 3</b> - Qual período você está cursando?.....	28
<b>Figura 4</b> - Sua formação inicial está preparando você para exercer um ensino de Geografia inclusivo?.....	29
<b>Figura 5</b> - Registros da mesa redonda .....	32
<b>Figura 6</b> - Alunos no Instituto dos Cegos de Campina Grande.....	34
<b>Figura 7</b> - Alunos no Centro de Tratamento de Pessoas com Autismo .....	35
<b>Figura 8</b> - Logo do UEPB/GPSEG.....	38
<b>Figura 9</b> - Linhas de pesquisa do GPSEG/UEPB.....	39
<b>Figura 10</b> -O que o GPSEG/UEPB significa para você?.....	40
<b>Figura 11</b> -Formulário compartilhado com os membros do GPSEG/UEPB.....	43
<b>Figura 12</b> - Qual período você está cursando?.....	44
<b>Figura 13</b> - Qual seu gênero?.....	44
<b>Figura 14</b> - Qual sua faixa etária?.....	45
<b>Figura 15</b> - Você participa ou já participou de algum Programa Institucional? Se sim, marque a alternativa correspondente.....	45
<b>Figura 16</b> -Em relação aos aspectos relacionados a ciência geográfica e a Geografia da Inclusão, você já realizou algumas ações, leituras e/ou atividades, voltadas para uma Geografia mais inclusiva?.....	46
<b>Figura 17</b> - Antes de participar de um grupo de pesquisa, o que você conhecia sobre inclusão? Quais eram seus conhecimentos acerca de uma Geografia da Inclusão?.....	50
<b>Figura 18</b> -Você acredita que o ato do GPSEG/UEPB em promover diálogos e estudos voltados para uma Geografia da Inclusão influenciam diretamente na construção de práticas inclusivas e no saber/fazer para os futuros professores de Geografia?.....	51

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b> Lista de TCC's em andamento sobre Geografia da Inclusão.....	36
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

-

**UEPB** - Universidade Estadual da Paraíba

**CH** - Centro de Humanidades

**PB** - Paraíba

**GPSEG** - Grupo de Pesquisa Saberes na Educação Geográfica

**ONU**- Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
2 INCLUSÃO E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: OS ASPECTOS HISTÓRICOS E OS DESAFIOS ENCONTRADOS .....	15
3 INCLUSÃO COMO AÇÃO MEDIADORA DO SABER/FAZER DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA.....	21
4 GEOGRAFIA DA INCLUSÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA UEPB.....	24
5 TRAJETÓRIA PERCORRIDA PELA UEPB EM BUSCA DE UM ENSINO GEOGRÁFICO MAIS INCLUSIVO .....	30
6 O PERCURSO REALIZADO PELO GRUPO DE PESQUISA SABERES NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA (GPSEG) EM BUSCA DE UMA CIÊNCIA GEOGRÁFICA MAIS INCLUSIVA E EMANCIPADORA.....	36
7 CONSIDERAÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS MEMBROS DO GPSEG/UEPB ACERCA DE UMA GEOGRAFIA DA INCLUSÃO.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	54
REFERÊNCIAS .....	57

## 1 INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios da educação é assegurar que todos os alunos, independente de suas especificidades, sejam elas suas diferenças religiosas, culturais, de gênero e étnicas, ou de pessoas com transtornos globais e deficiência, tenham acesso a um ensino de qualidade, bem como, que sejam ofertados meios adequados que garantam a sua permanência no âmbito escolar. No que confere a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, artigo 205, a educação é um direito de todos e dever do Estado, tendo a colaboração da família e da sociedade, almejando o pleno desenvolvimento do indivíduo (Brasil, 1988).

Nessa vertente, é necessário que possamos construir uma educação mais inclusiva, com políticas educacionais que ajam como princípio educacional, tendo em vista que a inclusão educacional é um ato revolucionário, e que contribui para uma justiça social. Uma vez que, a educação deve ter uma função equalizadora, em que ofereça aos estudantes igualdade de oportunidades na construção do processo de ensino e aprendizagem. Visto que, a educação é sua única arma para lutarem por chances reais de superação, respeito e representatividade na sociedade, aproximando-os da educação em sua totalidade e emancipação.

Reforçando esta ideia, Silva e Almeida (2014), salientam que o ato de promover uma educação inclusiva, abrange outras ações além do integrar o aluno na escola. Para isso, é necessária uma transformação social que origine desde a formação do professor, a infraestrutura da escola, onde possa garantir assim, uma maior autonomia e acessibilidade aos estudantes, e que, por fim, alcancem uma estrutura pedagógica e curricular, no qual permita que às instituições educacionais se organizem em busca de estratégias de ensino que alcancem, de fato, uma prática pedagógica que contemple as diversidades encontradas em salas de aula, garantindo assim, a verdadeira inclusão de todos os alunos, independente de suas particularidades.

No que concerne à ideia acima, a universidade possui um papel importante, tendo em vista que a preparação dos profissionais para educação, que deve ser constituída a partir de uma formação ampla em termos conceituais e metodológicos. Dessa forma, com múltiplos saberes pedagógicos, juntamente com princípios democráticos e humanitários, o qual forme professores que possuam um olhar analítico e empático para as diversidades no qual irão se deparar quando adentrarem ao ambiente escolar. Independente se essas diferenças serão raciais, étnicas, sociais, entre outras, como também para as diversidades dos Transtornos

Globais do Desenvolvimento (TGD), entre eles o Transtorno do Espectro Autista - TEA, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade -TDAH, Transtorno Opositor-TOD.

Essas ações auxiliam o futuro professor a desenvolver atitudes, questionamentos e problematização das suas práticas, que por vezes estão baseadas em ações pedagógicas padronizadas, excludentes e até mesmo em alguns casos preconceituosas. Dessa forma, dificultando assim, a possibilidade de alcançar um dos principais princípios educacionais existentes: o da educação de qualidade como um direito de todos. Princípio este, que fora discutido em 1990, na Conferência de Jomtiem, na Tailândia, no qual o documento ficou amplamente reconhecido como a Declaração Mundial sobre Educação para Todos.

Fernandes (2005) afirma que existem grandes empecilhos na formação inicial docente que dificultam avanços mais significativos na construção de uma educação inclusiva. Em que, segundo o autor, as universidades não estão preparando os futuros professores para as diversidades encontradas em sala de aula; sendo assim, produzindo cada vez mais profissionais ansiosos e inseguros ao se depararem com alunos com alguma deficiência e/ou transtorno global.

Desse modo, Fernandes (2005) destaca que a universidade tem se mostrado muito lenta quanto a uma Educação Inclusiva, no qual, pouco se é feito para ocasionar possíveis mudanças nos currículos dos cursos de licenciatura. Assim sendo, se torna ainda mais vagaroso a efetivação de diálogos e ações que promovam um ensino geográfico mais justo e adequado para os estudantes que serão encontrados em meio às heterogeneidades das salas de aula.

Concomitantemente Pereira (2021) reforça a grande preocupação que os estudantes em formação inicial na UEPB têm em relação ao suporte que a universidade oferece diante da construção de diálogos e socializações acerca de um ensino da Geografia que abranja e acolha disciplinas que trabalhem de maneira mais específica e com afinco sobre uma educação geográfica mais inclusiva. Dessa forma, reverberando diretamente no tipo de professores que serão ao se depararem com as múltiplas particularidades que irão encontrar ao adentrarem no ambiente da sala de aula.

Por essa razão, a pesquisa visa sensibilizar os estudantes em formação inicial de professores de Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Centro de Humanidades. Diante de um ensino geográfico inclusivo e adequado, o qual permita que todos os alunos tenham acesso à ciência geográfica e que possam ser protagonistas de seu próprio aprendizado. Além de que, assumam não apenas as teorias, mas que as associem às vivências e possibilidades de um processo de ensino e aprendizagem mais significativos na

construção de uma educação mais justa e, conseqüentemente, de uma Geografia mais humana e empática.

Afinal de contas, uma formação inicial voltada para inclusão resulta em professores que são, de fato, mediadores do processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, como afirma Silva (2008), uma educação inclusiva possibilita que todos aprendam com todos, atendendo as diversidades físicas, culturais, cognitivas que os alunos tenham. Para isso, é necessário ter professores de Geografia que saibam como melhor planejar recursos e métodos diversificados para conduzir de maneira mais efetiva todos os seus alunos ao acesso ao conhecimento, tornando-os assim, protagonistas de sua própria aprendizagem.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa dedica-se a refletir qual o lugar da construção dos processos de ensino e aprendizagem sobre inclusão para os professores em formação inicial de Geografia, da UEPB do campus de Guarabira, dando ênfase às ações pedagógicas de ensino, pesquisa e extensão que vem sendo construída junto ao ensino de Geografia da Inclusão. Com esta finalidade, o objetivo da pesquisa é conhecer de que forma o curso de Geografia da UEPB/CH, vem trabalhando na formação inicial o tema de inclusão no ensino geográfico, destacando os componentes que trabalham a inclusão e quais contribuições os mesmos deixam para formação de professores de Geografia.

Assim sendo, para alcançarmos estes objetivos, tecemos para os alunos do curso de Geografia da UEPB/CH as seguintes questões: a Educação Inclusiva é realidade ou utopia? Estamos pensando e agindo para construirmos uma sociedade inclusiva? Para qual tempo? Com quais sujeitos? Unindo quais instituições? O que buscamos alcançar com isso? É possível construirmos durante a formação inicial de professores uma Geografia da Inclusão? Posto isso, ainda questionamos: qual o lugar da construção dos processos de ensino e aprendizagem sobre inclusão para os professores de Geografia? Em que momento da formação de professores de Geografia é necessário à construção de ações ligadas à inclusão? Como o professor de Geografia pode realizar em sua práxis ações pedagógicas que construam um ensino e aprendizagem significativa para os jovens escolares que possuem deficiências e transtornos globais?

Para isso, o caminho metodológico pelo qual a pesquisa se debruçou executa-se a partir do materialismo histórico-dialético, o qual oferece o auxílio necessário para compreender a problemática pesquisada. Visto que, de acordo com Triviños (2008, p. 51), o materialismo dialético é a base filosófica do marxismo que busca dar explicações “coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento”. Corroborando com esta ideia, Demo (2006), afirma que através da pesquisa podemos

desenvolver uma consciência crítica, não sendo meros objetos de pressões alheias, mas sim, possibilitando a sociedade possíveis construções sociais alternativas. Assim sendo, e em conjunto com uma abordagem qualitativa, utilizando-se do caráter exploratório e explicativo, conseguimos analisar as contradições entre o potencial exercido pela inclusão e as limitações existentes para tal implementação, a partir do contexto dos agentes educacionais e suas realidades específicas.

Para tal intuito, a pesquisa está subdividida na introdução, em seguida, temos o capítulo 2 intitulado “Inclusão e Educação Geográfica: os aspectos históricos e desafios encontrados” onde trazemos o contexto histórico da inclusão e os desafios encontrados para promover um espaço ativo na sociedade para as pessoas com deficiência, como também iremos trazer a importância da educação geográfica na construção de uma formação cidadã, possibilitando que o aluno possa desenvolver um olhar analítico e um pensamento crítico para o meio em que vive; como também, abordamos os diálogos acerca da inclusão durante todo um contexto histórico.

Logo após, no capítulo 3 intitulado “Inclusão como ação mediadora do saber/fazer do professor de Geografia”, discutimos o papel da escola e do professor, frente à construção de estratégias pedagógicas e estruturais em prol de promover um ensino geográfico mais acolhedor; em seguida no capítulo 4 abordamos “Geografia da Inclusão: desafios e possibilidades na formação dos professores na UEPB”, onde tratamos sobre as ações que a UEPB, Campus III, está promovendo com o intuito de aumentar os diálogos acerca de uma Geografia da Inclusão. Já no capítulo 5, nomeado “Trajetória percorrida pela UEPB em busca de um ensino geográfico mais inclusivo” buscamos dialogar sobre ações pedagógicas que foram realizadas para promover uma maior reflexão acerca de uma ciência geográfica mais inclusiva.

Em seguida, no capítulo 6 nomeado “O percurso realizado pelo Grupo de Pesquisa Saberes na Educação Geográfica (GPSEG) em busca de uma ciência geográfica mais inclusiva e emancipadora” e prolongando-se no capítulo 7 intitulado “Considerações e experiências dos membros do GPSEG/UEPB acerca de uma geografia da inclusão” buscamos entender a importância de um grupo de pesquisa que volta seus estudos para uma Geografia da Inclusão, bem como entender a opinião dos membros deste grupo acerca da necessidade de buscarmos um ensino geográfico que inclua a todos, sem distinção.

Por fim, salientamos que esta pesquisa é fruto de um projeto PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), CNPq/UEPB, com vigência de 2022/2023. Como também, esta pesquisa possui alguns de seus dados previamente apresentados no IV

EPEG, realizado pela Universidade Federal de Pernambuco, o qual a autora apresentou e publicou em e-book a pesquisa intitulada: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E A INCLUSÃO: TESSITURAS SOBRE O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UM SABER/FAZER GEOGRÁFICO MAIS HUMANO E EMPÁTICO.

## **2 INCLUSÃO E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: OS ASPECTOS HISTÓRICOS E OS DESAFIOS ENCONTRADOS**

Quando buscamos no dicionário o conceito de inclusão, nos deparamos com a seguinte definição: “inclusão” é a integração absoluta de pessoas que possuem necessidades especiais ou específicas numa sociedade: políticas de inclusão. Corroborando com esta ideia, Mantoan (2005) afirma que:

Inclusão é a nossa capacidade de entender e receber o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comportamento mental, para os superdotados, e para toda criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com outro (Mantoan, 2005, p. 9).

Todavia, para entendermos as raízes que sustentam a inclusão, é necessário nos atentar ao contexto histórico de nossa sociedade, para que assim, possamos compreender como surgiu e se fortificou a construção de diálogos acerca desta temática. Desse modo, a história nos revela relações movidas à exclusão social, no qual, se o indivíduo possuísse alguma característica que destoasse do “padrão”, ele seria completamente banido da sociedade, perdendo seu direito de ir e vir, e em alguns casos, podendo ser condenado a morte (Pessotti, 1984).

Posto isso, e graças à dinamicidade do mundo em que vivemos, foram surgindo e se solidificando inúmeros avanços em diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo, mudanças educacionais e avanços tecnológicos. Como também, é no final do século XX que começam a aflorar vários movimentos que trazem à tona maiores discussões e visibilidade para o processo da inclusão.

Um deles é a respeito da reserva de cotas, o qual após a Primeira Guerra Mundial, alguns países da Europa, tal como Itália, França e Alemanha, estando pressionados pela

Organização Internacional do Trabalho - OIT, passam a ofertar cotas de trabalho para os veteranos de guerra que fossem deficientes. Logo após, as cotas passam a introduzir pessoas que tivessem sofrido acidentes de trabalho, e após a Segunda Guerra Mundial, outros países europeus como Reino Unido, Espanha e Grécia, passam a realizar outros sistemas de cotas que incorporem outros tipos de deficiência, visando poder ter mais mão de obra na produção do trabalho (Sasaki, 1997).

Outro passo importante é dado em 1990, na Conferência Mundial sobre Educação para todos, ocorrida em Jomtien, na Tailândia, os quais destacam que:

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma política, cultura, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação (Mazzota, 2011, p. 9).

Desse modo, esta Conferência tenta assegurar que cada criança, jovem e adulto, tenham suas necessidades básicas de aprendizagem asseguradas. Para isso, garantem que devem ser ofertadas oportunidades educativas que possibilitem o aperfeiçoamento dos instrumentos essenciais para a educação, exemplos das leituras, escrita e cálculos. Como também, a garantia de conteúdos básicos para a sobrevivência do indivíduo, como valores, habilidades e atitudes para uma harmonia na vida em sociedade.

Já em 1994, tivemos outro grande movimento que foi a Declaração de Salamanca. O documento é uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) e foi concebido na Conferência Mundial de Educação Especial, em Salamanca (Espanha), no qual trata de princípios, políticas e práticas das necessidades educativas especiais, e dá orientações para ações em níveis regionais, nacionais e internacionais sobre a estrutura de ação em Educação Especial. No que tange à escola, o documento aborda a administração, o recrutamento de educadores e o envolvimento comunitário, entre outros pontos, na tentativa de garantir a presença de crianças, jovens e adultos com necessidades especiais dentro do sistema regular de ensino.

Em 1999, temos a Convenção da Guatemala, a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Pessoas com Deficiência, resultou, no Brasil, no Decreto nº 3.956/2001. O texto brasileiro afirma que as pessoas com deficiência têm “os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não ser submetidas à discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano”.

No Brasil temos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB (9394/1996) em seu Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a

garantia de: III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino. Temos também o Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Em 2008 tivemos a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, um documento que traça o histórico do processo de inclusão escolar no Brasil para embasar “políticas públicas promotoras de uma Educação de qualidade para todos os alunos”.

E em 2009, na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, onde a convenção foi aprovada pela ONU e tem o Brasil como um de seus signatários, afirma que os países são responsáveis por garantir um sistema de Educação Inclusiva em todas as etapas de ensino, promovendo também o respeito pela dignidade e assegurando a independência e autonomia do indivíduo na sociedade, podendo fazer suas próprias escolhas e tendo participação efetiva na sociedade, tendo suas diferenças respeitadas.

Já em 2015 foi criada a Lei Brasileira de Inclusão, direcionada como Estatuto da Pessoa com Deficiência, que trata de diversos aspectos relacionados à inclusão das pessoas com deficiência. Bem como, tendo como objetivo promover, em condições de igualdade, que todas as pessoas com deficiência tenham seus direitos atendidos e que possam exercer sua liberdade plena e inclusão social na sociedade.

Com esses documentos percebemos que a sociedade vai dando mais embasamento aos debates e estudos sobre a inclusão de pessoas com deficiência, bem como, começa a solidificar mais fundamentações sobre como incluir esses estudantes em um ensino adequado para efetivação do processo de aprendizagem.

Dessa forma, enxergamos à ciência geográfica, como parte fundamental no auxílio para que os alunos compreendam o seu papel como sujeito ativo na sociedade, capazes de atuar de maneira consciente e analítica no meio em que estão inseridos. Pois, como afirma Callai:

“[...] Para oportunizar que as pessoas compreendam a espacialidade em que vivem, através da educação geográfica busca-se construir uma forma geográfica de pensar, que seja mais ampla, mais complexa, e que contribua para a formação dos sujeitos, para que estes realizem aprendizagens significativas e para que a Geografia não seja mais do que a mera ilustração.” (Callai, 2014, p.18).

Nesse sentido, é necessária a construção de uma educação geográfica que forme seres pensantes, capazes de interpretar e analisar o mundo a partir do lugar em que estão inseridos. Mas, para isso, precisa superar um ensino de Geografia que seja transmissivo, em que o ensino fica engessado no ato de “passar conteúdos”, no qual os alunos são pressionados a reproduzir exatamente aquilo que foi ensinado para poder alcançar uma nota maior na avaliação. Posto isso:

“A Geografia ensinada na escola tem uma história e a sua complexidade advém exatamente daí, pois a Geografia escolar se constitui como um componente do currículo na educação básica, e seu ensino se caracteriza pela possibilidade de que os estudantes reconheçam a sua identidade e o seu pertencimento a um mundo em que a homogeneidade apresentada pelos processos de globalização trata de tornar tudo igual.” (Callai, 2011, p.15)

Dessa forma, é fundamental que a educação geográfica coloque o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, fazendo com ele seja um ser emancipatório e protagonista do seu próprio caminho estudantil. Sendo assim, é necessária a construção de uma Geografia que seja feita por todos e para todos independentemente das especificidades que os alunos possam ter.

“É necessário pensarmos a geografia que queremos trabalhar em sala de aula e se essa geografia vai ou está influenciando a formação do educando, do homem cidadão, diante da modernização do trabalho e das mudanças constantes no espaço” (Oliveira, 2009, p. 1).

Mas para que possamos alcançar um ensino geográfico inclusivo, devemos salientar que não ansiamos apenas pelo ato de inserir o aluno na escola; o verdadeiro ensino inclusivo vai muito além do simples fato de inserir, mas sim, se firma no ato de incluir os estudantes verdadeiramente no âmbito escolar, garantindo uma participação de todos.

Nesse contexto, Melo e Sampaio (2007) ressaltam:

“Garantir uma aula de Geografia acessível a todos com vistas a construir uma escola inclusiva juntamente com outros colegas docentes significa criar condições de participação de todos os membros da comunidade escolar, sejam eles surdos ou gordos, cegos ou baixos, negros ou brancos, deficientes mentais ou muito altos, paraplégicos ou hiperativos, superdotados ou de pés descalços, muito ricos ou com anorexia” (Melo; Sampaio, 2007, p.128).

Todavia, no ensino geográfico são encontrados diversos desafios que dificultam a realização concreta de uma educação geográfica, mais inclusiva para todos os alunos, desafios esses que perpassam desde a formação docente, alcançando a infraestrutura das escolas, como também, na adequação do currículo, seja para os conteúdos que serão dialogados em salas de aulas, sejam as atividades de ensino-aprendizagem que serão desenvolvidas, na utilização de recursos didáticos e até mesmo nas práticas avaliativas.

Bem como, devem ser levados em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, pois se faz urgente e necessário que superemos esta ideia de que o aluno é uma folha em branco, pois se trata de um pensamento equivocados. Desse modo, o ensino geográfico se tornará mais efetivo, a partir do momento que os professores entenderem que os alunos chegam com uma bagagem, e que as contribuições que eles possuem podem alcançar a todos. Neste sentido, a vivência dos alunos precisa ser valorizada no processo de ensino e aprendizagem, e deve servir como meio para melhor assimilação dos assuntos que estão sendo trabalhados em sala de aula, principalmente durante as aulas de Geografia. Crozara e Sampaio afirmam que:

É necessário o convívio do professor com o aluno em sala de aula, podendo o mesmo orientar esse aluno conforme suas especificidades, ao desenvolver algum pensamento crítico da realidade por meio da Geografia. A vivência do aluno deve ser valorizada para que ele possa perceber a Geografia como parte do seu cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula, com a ajuda do professor, a sua própria experiência do espaço vivido. Para tanto, o estudo da sociedade e da natureza deve ser realizado de forma interativa (Crozara; Sampaio, 2008, p.2).

Sendo assim, é fundamental que haja uma parceria pautada em muita empatia e respeito entre os professores e os alunos, no qual os profissionais possam compreender melhor como cada estudante se desenvolve e as formas mais adequadas que devem ser utilizadas para criar estratégias que possibilitem que o aluno consiga compreender e assimilar os conhecimentos que estão sendo construídos em sala de aula.

Para isso, é essencial que os alunos interajam de maneira cooperativa e em grupos heterogêneos, para que essa relação influencie no desenvolvimento de cada um, e os conduzam a um caminho voltado para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Como afirma Silva (2008), a socialização se faz por base de conhecimento que é adquirido individualmente, mas que tem papel fundamental para o crescimento do grupo, influenciando assim, diretamente, nas ações que serão realizadas na sociedade.

Uma vez que a escola é o primeiro lugar o qual frequentamos de maneira independente, onde deixamos de lado nossa zona de conforto e a segurança que nossos familiares nos oferecem, e nos aventuramos em um espaço totalmente novo, com novas pessoas ao redor, novas rotinas e experiências. É neste recorte de espaço, que começamos a desenvolver nossas habilidades, capacidades, nosso poder de escolha, e principalmente, é o lugar onde começamos a compreender e aceitar nossa identidade.

Com esse propósito, uma escola para se tornar inclusiva, deverá passar por mudanças significativas que a tornem mais democrática e acolhedora, proporcionando que o espaço da escola seja um lugar de ações pedagógicas e sociais, com caráter colaborativo, que

desenvolvam valores de respeito às individualidades, permitindo que todos se sintam integrados ao ambiente escolar.

Todavia, a escola contemporânea foi organizada para atender a um padrão determinado de alunos, e de antemão, já definiam que todos deveriam aprender na mesma velocidade, forma e ritmo. Entretanto, cada vez se torna mais evidente a multiplicidade de sujeitos que compõem o ambiente escolar. Com isso, requer que a escola passe por uma reformulação em todo o seu sistema, inovando-o e alcançando estratégias o qual permita que o ensino consiga contemplar todos os alunos.

Segundo Nascimento (2014), é muito preocupante o fato de que muitas escolas ainda não garantem uma educação inclusiva para seus alunos, e que conseqüentemente, promova uma prática de ensino excludente. Já que a maioria das escolas ainda não apresentam condições estruturais de qualidade, e tampouco didático-pedagógicas adequadas para atender todos os estudantes.

Além disso, de acordo com o Decreto Federal 6.571/08, todas as escolas, sejam elas públicas ou particulares, devem matricular crianças com deficiência em classes regulares de ensino. Todavia, na prática, ainda nos deparamos com escolas que fecham as portas perante crianças e adolescentes com deficiência, solidificando assim, cada vez mais a homogeneidade da educação.

Desse modo, precisamos promover uma ruptura nessa estrutura padronizada de ensino, e transformá-la em um lugar que, além de inserir crianças e adolescentes, ofereça meios de permanência e participação ativa daquele estudante no processo de ensino-aprendizado, possibilitando que ele se torne protagonista de sua própria trajetória estudantil.

Dessa maneira, como afirmam Almeida, Santos e Albuquerque (2022), é fundamental que tenhamos uma formação docente que perpassa para além de uma carga de conteúdos, pois é imprescindível que possamos compreender como adequar um ensino geográfico para a realidade das salas de aula, possibilitando que dessa maneira, o ensino geográfico se aproxime cada vez mais da realidade de cada aluno, fazendo com que assim, eles se sintam pertencentes e incluídos no ambiente escolar.

### **3 INCLUSÃO COMO AÇÃO MEDIADORA DO SABER/FAZER DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA**

A inclusão educacional é um termo muito abrangente, pois envolve o ato de incluir pessoas com as mais variadas particularidades, sejam elas religiosas, étnicas, sociais, culturais, entre outras, como também, a inclusão de pessoas com deficiência e/ou transtornos globais do desenvolvimento. Todavia, de acordo com Lira (2019), apesar dos avanços jurídicos, nas práticas sociais e até educacionais, que ocorreram nos últimos anos, ainda se faz urgente atravessar algumas dificuldades que ainda estão pelo caminho.

Uma destas dificuldades é que no atual momento ainda temos presenciado um aumento de culturas competitivas desenvolvidas pelas diferentes sociedades. Para Mantoan (2004) os fatores culturais em nossa nação propagam a ideia de que a diferença é perigosa, dessa forma, fortalecendo ainda mais a ideia de uma padronização no processo de ensino e aprendizagem, no qual determinam que todos devem aprender no mesmo tempo, com as mesmas metodologias e as mesmas didáticas. Desse modo, aqueles que porventura não se encaixam no padrão pré-determinado, passará a ser categorizado como incapaz, e conseqüentemente, será excluído do processo de ensino, sustentando assim, um perfil excludente de educação.

Por isso, se faz necessário e urgente o ato de promover uma quebra de paradigmas excludentes, e alavancar um debate acerca dos movimentos de combate ao preconceito, favorecendo assim, uma abertura para à pluralidade existente nas salas de aula e quais caminhos devem ser seguidos em busca de um ensino que alcance todos os alunos, tornando-

os protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem e que tenham seus ritmos respeitados.

Contudo, a inclusão escolar não é uma tarefa simples, pois se faz necessária uma mudança significativa no sistema educacional, bem como uma evolução na concepção que a sociedade tem sobre inclusão. Como diz Melo (2007) “mais do que falar em dificuldades é preciso buscar ver as potencialidades. É preciso enxergar o outro pela pessoa que ele é, e não por rótulos”. Diante disso, uma escola inclusiva não é apenas matricular alunos com necessidades especiais, mas sim, oferecer meios para que os alunos possam continuar nessas escolas e que tenham um ensino de qualidade, sendo parte ativa no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, Sgarabotto e Duranti (2006) ressaltam que:

Para uma escola ser inclusiva não basta apenas aceitar os alunos com necessidades especiais, necessita ter um bom projeto pedagógico, que começa pela reflexão e não somente pela infraestrutura da escola, como construção de rampas, banheiros, entre outros. Também é importante um planejamento quanto à prática pedagógica, proporcionando atividades que envolvam a todos e que os professores entendam que os alunos precisam de liberdade para aprender de acordo com as suas condições (e isto tanto vale para os estudantes com deficiência ou não) (Sgarabotto; Duranti, 2006, p.04).

Posto isso, é fundamental que nos atentemos à formação docente, pois se a inclusão é um princípio básico do sistema educativo, não seria de extrema importância que todas as formações docentes dessem ênfase a um ensino inclusivo? De acordo com Bueno (1993), não há como incluir pessoas com deficiência de maneira efetiva dentro de uma sala de aula, se não tiver um apoio especializado, principalmente, vindo do professor, que por sua vez, deve estar preparado para fornecer as orientações e assistências necessárias para ajudar o aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Concomitantemente, Silva (2008) afirma que uma inclusão escolar é realizada mais facilmente se tivermos uma formação de professores que sejam instigados a uma sensibilidade e empatia em relação às diferenças. Pois assim, conseguirão promover mais confiança e respeito entre todos que estejam no ambiente escolar, facilitando a construção de um ensino mais humano e efetivo.

Sendo assim, a formação inicial do professor é um ponto que merece uma atenção especial, seguidos por discursos e práticas voltadas à inclusão. Pois, segundo Lima (2002), muitos professores sentem-se inseguros e ansiosos ao se deparar com um aluno com necessidades especiais na sala de aula, já que, segundo eles, não foram preparados na universidade para lidar com a heterogeneidade encontrada no âmbito escolar.

De acordo com Bueno (1999) os principais desafios para uma educação inclusiva parte da formação docente, pois segundo ele, é necessária uma formação teórica sólida e adequada no que se refere aos procedimentos pedagógicos que envolvem o “ser” e o “saber fazer” pedagógico. Bem como, uma formação inicial que dialogasse sobre as diversas diferenças que podem ser incorporadas no processo educativo regular, abordando as necessidades e procedimentos pedagógicos que podem ser utilizados no processo de ensino e aprendizagem, a fim de contribuir com o processo de assimilação dos alunos.

Nessa vertente, a formação inicial dos professores de Geografia necessita de um vasto debate sobre os desafios que os profissionais enfrentarão ao longo de sua jornada na educação, necessitando que haja uma formação crítica do professor ligada aos saberes necessários à sua formação. Na visão de Tardif (2002) os saberes dos professores, são plurais e heterogêneos, pois trazem à tona, o próprio exercício do trabalho, conhecimentos, manifestações do saber fazer, e do saber ser bastante diversificados e provenientes de fontes variadas.

Já Cavalcanti (2002) evoca que a formação docente dos professores de Geografia deve se pautar por essa concepção de profissional crítico-reflexivo. Essa formação deve ser aberta à possibilidade de discussão sobre o papel da educação em suas várias dimensões, para a construção da sociedade e para a definição do papel da Geografia na formação geral do cidadão.

Vale ressaltar que o ensino da Geografia é fundamental para a formação de qualquer cidadão, pois ajuda o indivíduo a ter um olhar crítico sobre diversas ocasiões, como também auxilia no desenvolvimento de suas relações sociais, econômicas e políticas, tal qual afirma Amaral (2013):

Esta disciplina apresenta papel significativo na aprendizagem, seja por proporcionar o desenvolvimento de habilidades específicas da observação, descrição, análise como aprender a observar, descrever, comparar, estabelecer relações e correlações, tirar conclusões e fazer sínteses do espaço de vivência; seja por possibilitar a apropriação de conteúdos que permitem ler o mundo e o lugar em suas contradições (Amaral et. al, 2013, p.8).

Em vista disso, a formação inicial do professor de Geografia deve ser coerente com o cotidiano escolar, para isso, deve preparar o professor para as diversas especificidades na qual ele irá se deparar durante sua vivência nas salas de aula. Afinal de contas, saber gerir uma turma heterogênea, como são todas as turmas atuais, é de uma dimensão fundamental do conhecimento profissional docente. Sendo assim, toda a formação docente de qualidade é necessariamente uma formação voltada para a inclusão.

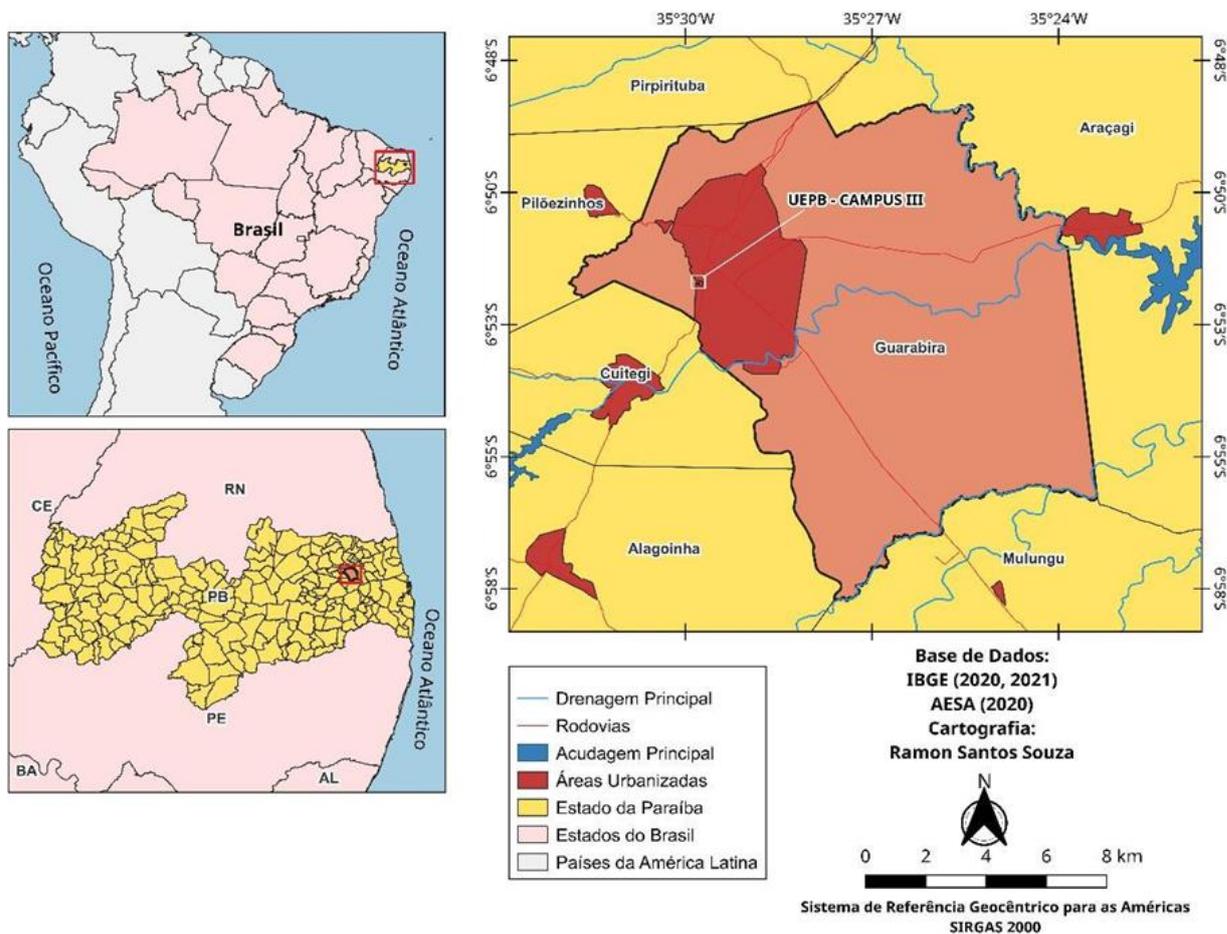
Para tal propósito, a formação inicial do professor de Geografia precisa preparar o futuro profissional para que ele possa contribuir na potencialização da autonomia e no estímulo da criatividade de seus estudantes. Por isso, é imprescindível uma formação docente que ofereça aos futuros professores o acesso a determinados saberes, que possibilitem novas metodologias e estratégias de ensino, para que dessa forma, os professores de Geografia saibam planejar e atuar com percursos diversificados de acesso à ciência geográfica. Dessa forma, acolhendo as diversas especificidades encontradas em sala de aula, e tornando a escola um ambiente democrático, justo e de qualidade para todos.

O fato de não se promover com maior intensidade, na formação inicial do professor de Geografia, mais mecanismos que permitam um acesso a uma maior socialização sobre um ensino inclusivo, acaba construindo um reforço para os obstáculos existentes nas práticas de ensino que não alcançam todos os alunos, limitando assim, a construção do ensino geográfico apenas para um padrão homogêneo.

#### **4 GEOGRAFIA DA INCLUSÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA UEPB**

A Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Centro de Humanidades, é um dos 8 campi distribuídos por todo o estado da Paraíba. Ele está localizado no município de Guarabira, Região Geográfica Intermediária de João Pessoa e na Região Geográfica Imediata de Guarabira. Com uma área de 162,387 km<sup>2</sup> com densidade demográfica de 333,80 (hab./km<sup>2</sup>), possui uma população de cerca de 59.389 habitantes, em 2022 (IBGE, 2017), assim como veremos na figura a seguir:

**Figura 1-** Mapa de localização do município de Guarabira-PB.



**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Org. Ramon Santos Souza

No campus III são ofertados seis cursos de graduação, sendo eles: o curso de Direito, e cursos voltados para a licenciatura, como: Letras-Português, Letras-Inglês, Pedagogia, História e Geografia. Vale ressaltar que as licenciaturas são o grande alicerce para a formação dos professores, pois apresentam o conjunto de conhecimentos, habilidades e competências, bem como os saberes e fazeres que irá superar o modelo histórico da racionalidade técnica do “professor enquanto um transmissor de conteúdos”, e que, por sua vez, colocará o professor como mediador do processo de aprendizagem, fazendo com que o aluno se torne o verdadeiro protagonista nesse processo de ensino.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Curso - PPC (2016) o Curso de Geografia tem como finalidade formar cidadãos que sejam comprometidos com a socialização e ampliação de um conhecimento geográfico mais analítico e efetivo, nos diversos níveis educacionais e técnicos (Projeto Político de Curso de Geografia, Guarabira, 2016).

Todavia, ao examinar documentos referentes a estrutura curricular do curso de Geografia e em observação as disciplinas ofertadas pelo curso de Pedagogia precisamos

destacar que o curso de Pedagogia tem uma socialização mais ampla sobre um ensino inclusivo, bem como, também terem o apoio de componentes curriculares como: Didática, Políticas Educacionais e Libras, ainda se torna pouco os diálogos sobre um ensino inclusivo. Já os demais cursos, incluindo o de Licenciatura Plena em Geografia, apenas ofertam para os graduandos um único componente curricular que socialize sobre inclusão nas salas de aulas, a Libras. Sendo assim, nos deparamos com uma formação inicial que tem um grande déficit em relação à efetivação de uma educação que reflita sobre a heterogeneidade encontrada nas salas de aula, dessa forma, influenciando diretamente em como esses futuros profissionais irão conduzir seus diversos alunos em um ensino geográfico humano e analítico.

Essa ausência de diálogo e de espaços na proposta curricular, na formação inicial, sobre uma ciência geográfica mais inclusiva, tal como sobre os mecanismos que permitem uma democratização e socialização do ensino para todos, acaba reforçando a ideia de um âmbito escolar homogêneo e conseqüentemente, de um estilo padronizado de alunos, portanto, reverbera as práticas de ensino que não alcançam a todos.

Mas, como aponta Astolfi (2003), os obstáculos são aspectos positivos, já que proporcionam grandes reflexões sobre o processo de construção do conhecimento para qualquer nível educativo. Posto isso, para mudar esse cenário errôneo no qual reforçam a padronização do ensino, é fundamental que possamos percorrer pelos caminhos que nos conduzam para uma formação inicial que prepare, de fato, os professores de Geografia para as multiplicidades, sejam elas culturais, religiosas, de gênero, entre outras, até de transtornos globais, com o qual irão se deparar dentro das salas de aula.

Sendo assim, segundo Pereira (2021) existe uma preocupação dos graduandos da UEPB acerca dos conhecimentos voltados para um ensino de Geografia mais inclusivo e empático. Assim sendo, é de consenso geral que não é suficiente para a formação de professores que apenas o curso de Pedagogia aprofunde os conhecimentos em relação à inclusão, pois isso reflete diretamente na atuação do professor com seus alunos em sala de aula.

Por essa razão, decidimos dar voz aos alunos que compõem o curso de Licenciatura Plena em Geografia, pela UEPB, Campus III, e analisar quais são suas opiniões acerca de uma formação inicial do professor de Geografia e a Inclusão. Para isso, o levantamento de campo desta pesquisa foi formulado com questões semiestruturadas e compartilhadas por meio de grupos de trocas de mensagens, em que, através das respostas obtidas, pretendemos entender melhor a visão dos estudantes sobre a necessidade e urgência de uma Geografia da Inclusão.

**Figura 2** – Formulário compartilhado com os estudantes da UEPB

FORMULÁRIO SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E A INCLUSÃO

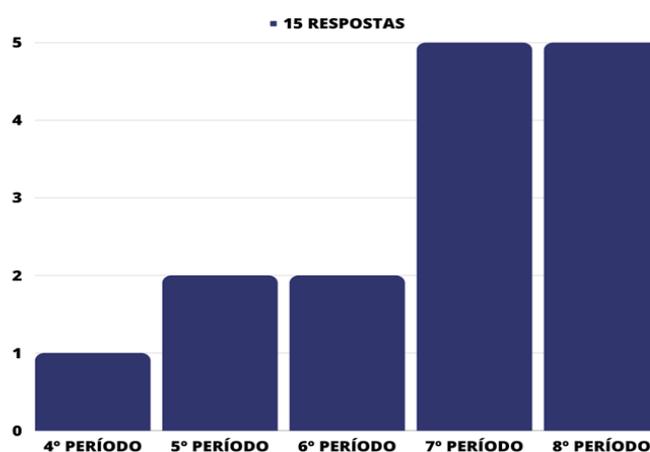
Olá, pessoal! Tudo bem?

Somos Vitória Thasleny Aguiar, integrante do grupo de pesquisa GPSEG e aluna do 7º período, e Samara Anselmo de Albuquerque, integrante do grupo de pesquisa GPSEG e aluna do 8º período. Estamos aqui para pedir sua participação em nossa pesquisa intitulada 'A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E A INCLUSÃO: TESSITURAS SOBRE O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UM SABER/FAZER GEOGRÁFICO MAIS HUMANO E EMPÁTICO', que tem como intuito promover uma análise acerca de como sendo construído os processos de ensino e aprendizagem sobre a inclusão na formação inicial de professores de Geografia na UEPB, Campus III.

Desde já agradecemos sua participação!

Fonte: Arquivo da autora (2022)

Participaram um total de 15 informantes que se encontram matriculados em diversos períodos do curso de Geografia do CH/UEPB em 2022. No qual estão distribuídos da seguinte forma: 4º período: um aluno, 5º período: dois alunos, 6º período: dois alunos, 7º período: cinco alunos e 8º período: cinco alunos, conforme a figura a seguir:

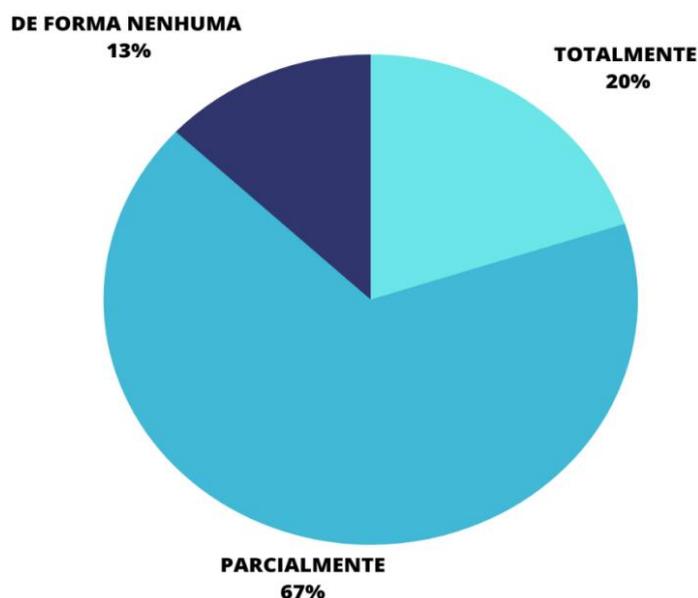
**Figura 3-** Qual período você está cursando?

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Faz-se necessário compreender as opiniões dos graduandos em diversos períodos do curso para obter um maior embasamento frente à discussão dos diálogos acerca dessa temática. Dessa forma, foi perguntado aos estudantes se a sua formação inicial está preparando-os para exercer um ensino de Geografia inclusivo. Nas respostas, os graduandos relataram que: 20% estão totalmente preparados, 66,7% sentem-se parcialmente preparados e 13,3% de forma nenhuma estão preparados.

Posto isso, devemos ressaltar que a maior parte da amostra da pesquisa se deu com alunos que já estão cursando os períodos finais do curso. Logo, estão se aproximando cada vez mais do universo das salas de aula, dessa vez, como professores de Geografia. Sendo assim, é alarmante que ainda exista uma insegurança por meio dos discentes em relação a sua atuação direta em um ensino geográfico inclusivo; assim como veremos na figura 4:

**Figura 4-**Sua formação inicial está preparando você para exercer um ensino de Geografia inclusivo?



Elaborado pela autora (2023)

Todavia, esse processo se dá em razão da instituição de ensino ainda estar em meio a uma trajetória vagarosa de implementações de ações que favoreçam o futuro professor de Geografia a trabalhar com a inclusão em sala de aula. Conseqüentemente, a ausência da temática e de alternativas nos componentes curriculares sobre uma política inclusiva, acaba refletindo diretamente nas respostas que obtivemos ao questionarmos sobre eles se sentem preparados para construir uma Ciência Geográfica inclusiva com seus alunos. Eles responderam:

**Aluno A:** Não me sinto, gostaria de uma graduação que abrange esse tema, assim nossa formação se tornaria mais completa para as vivências de uma sala de aula.

**Aluno B:** Não, infelizmente nas instituições superiores, e em especial ao curso de Geografia da UEPB, campus III/Guarabira sentimos a ausência dessas práticas para a formação docente.

**Aluno C:** Me sinto um pouco, mas não o suficiente tendo em vista que a educação inclusiva é muito ampla e pouco sei sobre ela. E dessa forma acredito que tenho que pesquisar e estudar mais sobre ela, para assim poder exercer uma prática voltada para a geografia inclusiva.

Sendo assim, e corroborando com os relatos acima, Siems (2010) afirma que essa falta de formação voltada para a educação inclusiva se dá porque no Brasil, são muito recentes esses diálogos acerca de um ensino emancipatório. Dessa forma, segundo a autora, se faz urgente e necessário que cada vez mais possam se consolidar investimentos em processos iniciais de formação docente, que busquem incentivar os futuros professores de Geografia quanto às práticas pedagógicas, favorecendo assim, a integração de todos os alunos em um ambiente de aprendizagem que respeite todas as necessidades especiais.

Apesar que, como afirmam Machado (2009) e Mantoan (2006), a formação inicial não irá ofertar uma receita pronta para a inclusão, no qual diga fielmente todos os passos que devem ser seguidos para uma sala de aula inclusiva, muito menos todas as soluções para as dificuldades que os professores irão se deparar em sala de aula, afinal de contas, cada aluno é um mundo e cada sala de aula é um universo particular. Porém, poderá sim, provocar no futuro professor uma transformação sobre o seu saber/fazer docente, possibilitando assim a construção de um ensino que alcance todos os alunos e que respeite as subjetividades de cada um deles.

Além do mais, um ensino geográfico inclusivo irá contribuir diretamente na formação cidadã dos alunos, permitindo assim, que eles atuem na construção de um mundo mais justo, empático e que respeite o outro e suas diferenças. Conformando esta ideia, os graduandos comentaram sobre as contribuições em relação à sociedade ao desenvolver uma educação geográfica inclusivas nas salas de aula:

**Aluno A:** Acredito que ajudamos a construir uma sociedade com mais empatia, respeito e atenção ao próximo, além de incluir a todos para um aprendizado melhor, sem deixar ninguém para trás.

**Aluno B:** Uma sociedade mais tolerante, que respeita a diferença do outro, e principalmente os alunos com necessidades especiais eles sem dúvidas vão se sentir mais motivados para atuar em sociedade.

**Aluno C:** Ganhamos um espaço onde as pessoas recebem a devida atenção merecida, de acordo com a diferença de cada ser humano.

Diante o exposto, é necessário olharmos com atenção e cuidado para a formação inicial docente que está sendo oferecida pela UEPB, para os futuros professores de Geografia, tendo em vista que o professor exerce parte integrante da escola e tem como uma de suas responsabilidades, o compromisso de contribuir para que seus alunos se tornem cidadãos analíticos e que atuem de maneira participativa, empática e justa na sociedade.

## **5 TRAJETÓRIA PERCORRIDA PELA UEPB EM BUSCA DE UM ENSINO GEOGRÁFICO MAIS INCLUSIVO**

Apesar de ainda não se promover com maior intensidade, na formação inicial do professor de Geografia, uma maior socialização sobre um ensino inclusivo, é notório que a UEPB está dando passos significativos e necessários para aumentar cada vez mais as discussões acerca desta temática. Nesta conjuntura, é importante evidenciar as práticas de ensino, pesquisa e extensão que vêm sendo construídas na UEPB, Campus III, com o propósito de alcançar um ensino geográfico mais inclusivo.

Com isso, no âmbito da pesquisa, está em desenvolvimento um projeto PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) nomeado “A GEOGRAFIA DA INCLUSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: CONTRIBUIÇÕES DA UEPB/GUARABIRA NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO”, no qual, buscamos sensibilizar os estudantes que estão em formação inicial de professores de Geografia da UEPB/CH sobre a importância de uma formação docente que promova interações e conexões entre a teoria, com as possibilidades de construção de um ensino e aprendizagem mais significativos e empáticos.

Pois, segundo Fernandes (2005), um dos maiores empecilhos que dificultam os avanços na educação inclusiva trata-se dos processos de formação docente. Logo, esta pesquisa fruto do PIBIC vem com o intuito de entender em que momento da formação inicial do professor de Geografia é necessária uma construção de ações voltadas ao conhecimento pedagógico, que dê ênfase as socializações e adaptações que serão fundamentais para o ambiente heterogêneo das salas de aula, a fim de colaborar com um ensino emancipatório e significativo para todos os alunos.

Já no âmbito da extensão, e como mais uma ferramenta para aproximar os graduandos de uma Geografia da Inclusão, foi idealizado e construído um projeto de extensão intitulado “GEOGRAFIA DA INCLUSÃO: VIVÊNCIA, ENSINO E APRENDIZAGEM NUM

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE”, que objetivou desenvolver oficinas didático-pedagógicas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Antenor Navarro, localizada no município de Guarabira – PB, o qual resultou também em um artigo intitulado: GEOGRAFIA DA INCLUSÃO: A EXTENSÃO COMO ELEMENTO ARTICULADOR DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA, que tinha como intuito promover uma maior interação entre a universidade e a escola, permitindo que dessa maneira, ampliassem os diálogos e as trocas de experiências entre professores e alunos, adquirindo na prática, mais conhecimentos acerca dos processos formativos geográficos inclusivos.

Mas, para ajudar a alcançar esse objetivo, o projeto de extensão utilizou-se da pesquisa-ação, que como afirma Ghedin e Franco (2011), a pesquisa ação tem uma base empírica que possibilita que os pesquisadores e colaboradores participem de maneira participativa e/ou cooperativa. Sendo assim, o projeto tem como intuito conhecer mais sobre um problema coletivo, desenvolvendo diagnósticos, identificando problemas e buscando solucioná-los, proporcionando assim, interações entre os sujeitos, bem como uma maior autonomia, proporcionando sempre uma ação conectada com a reflexão.

Bem como, também foi realizada uma mesa redonda nomeada “I MESA REDONDA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA PIBID/UEPB/GEOGRAFIA/CH/FAPESQ”, o qual debateu temas relacionados a saber/fazer do professor de Geografia, abrindo também o espaço para promover uma reflexão acerca do seguinte tema: REFLEXÃO SOBRE O DIA INTERNACIONAL DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) – POR UMA GEOGRAFIA DA INCLUSÃO. Dessa forma, ressaltando mais uma vez, a importância de discutir, refletir e agir em busca de um ensino geográfico que alcance todos os alunos.

Sendo assim, de acordo com Dutra e Oliveira (2016), a Mesa Redonda, deve ser utilizada como estratégia para criar um espaço educativo onde o aluno tem a oportunidade de vivenciar, pensar e dialogar criticamente, acerca de uma temática. Com isso, o evento objetivou promover a reflexão sobre a necessidade de pensarmos em um ensino inclusivo, que não deixe nenhum aluno para trás, mas que sim, ofereça oportunidades adequadas e justas, para que todos os alunos consigam ter acesso e compreensão dos conhecimentos e aprendizagens.

**Figura 5-** Registros da mesa redonda



**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2023.

Por conseguinte, e como mais uma ferramenta em prol de promover ao graduando uma melhor construção do seu saber, bem como, desenvolver seu olhar crítico e fortalecer suas percepções, foi realizada uma aula de campo, promovida pelos professores dos componentes curriculares: Estágio Supervisionado III, Geografia da Indústria e do componente eletivo Recursos Didáticos e Produção de Textos, bem como, contando com o apoio dos bolsistas PIBIC e PIBID. Dessa forma, os alunos foram até o município de Campina Grande-PB, conhecer questões que permeiam desde o âmbito tecnológico, através da visita ao Museu Digital e Tecnológico de Campina Grande, como também, ao ensino inclusivo, por meio do Instituto dos Cegos de Campina Grande e o Centro de Tratamento de Pessoas com Autismo.

Através de nossa visita ao Museu Digital e Tecnológico de Campina Grande, conseguimos interagir com equipamentos tecnológicos e interativos que nos permitiram conhecer com mais profundidade a história de construção da Rainha da Borborema, Campina Grande, perpassando por questões que envolvem desde seu desenvolvimento social, populacional, cultural, até econômico.

Como também fomos conhecer um pouco mais do campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o qual tivemos o privilégio de conhecer os trabalhos desenvolvidos sob orientação da professora doutora Sonia Lira, por meio do Laboratório de Ensino e Geografia (LAEG) e do Grupo de Apoio aos Estudantes com Deficiência Visual (Graesdv), que a mais de 10 anos vem se preocupando com a formação inclusiva para os graduandos do curso de Geografia.

Bem como, os recursos táteis produzidos por este grupo de pesquisa que desenvolve um importante papel para o aprendizado de crianças e jovens de várias instituições do município. Exemplo disto são as crianças e jovens que fazem parte do Instituto dos Cegos de Campina Grande, que por meio dos recursos táteis doados pelo grupo de pesquisa coordenado

pela professora Sonia Lira, possibilita que os estudantes com deficiência visual e baixa visão consigam aprender e assimilar melhor diversos conteúdos da ciência geográfica.

Por fim, visitamos o Centro de Atendimento ao Autista, inaugurado no ano de 2020, e que objetiva ser um espaço inovador que auxilie no fortalecimento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Na ocasião, fomos acompanhados pela assistente social do local, que nos apresentou as acomodações do Centro e explicou como funcionam os atendimentos que se dão por profissionais de diversas áreas, como Psicologia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Serviço Social, entre outros.

Assim sendo, a aula de campo é de extrema importância para a formação docente, pois, segundo

Suertegarav (2002):

“[...] faz parte de um processo de investigação que permite a inserção do geógrafo pesquisador na sociedade, reconstruindo o sujeito e, por consequência, a prática social, permitindo o aprendizado de uma realidade, à medida que oportuniza a vivência em local do que deseja estudar. Também possibilita um maior domínio da instrumentalização na possibilidade de construção do conhecimento (Suertegarav, 2002, p. 110).

Desta forma, esta experiência contribuiu que o futuro professor se depare frente a frente com uma realidade na qual irá encontrar nas salas de aula, dessa forma, tornando-se uma vivência importante para a construção do seu saber/fazer como professor de Geografia, e sobre como atuar em meio a um universo tão heterogêneo, tendo o pleno conhecimento de que todos são capazes de aprender, basta apenas que o docente esteja verdadeiramente preparado para conduzir, de maneira adequada, o aluno no caminho para o conhecimento.

**Figura 6-** Alunos no Instituto dos Cegos de Campina Grande



**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2023.

**Figura 7-** Alunos no Centro de Tratamento de Pessoas com Autismo



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2023.

Também foi elaborado um ensaio intitulado “INCLUSÃO COMO AÇÃO MEDIADORA DO SABER/FAZER DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA”, publicado no e-book do Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEP/UFPE) “Ensaio em Ensino da Geografia: Experiências e Convergências.”. O ensaio reforça a necessidade de uma formação docente que seja pautada por diálogos sobre os desafios que os professores de Geografia irão se deparar ao longo de sua jornada na educação, e a necessidade de uma formação docente crítica, que aproxime o futuro professor com o ambiente escolar, garantindo com que dessa forma, ele se familiarize com o espaço e consiga desenvolver ações pedagógicas adequadas para seus alunos.

Além disso, elaboramos outro artigo o qual foi intitulado como “A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E A INCLUSÃO: TESSITURAS SOBRE O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UM SABER/FAZER GEOGRÁFICO MAIS HUMANO E EMPÁTICO”, apresentado no VI ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO EM GEOGRAFIA DA UFPE (EPGE) e publicado em e-book “Educação Geográfica: cultura escolar e inovação para além dos “muros””. Onde, por sua vez, traz reflexões e análises

acerca dos processos de ensino e aprendizagem sobre a inclusão na formação inicial dos professores de Geografia na UEPB, Campus III, conhecendo assim, as práticas pedagógicas que vêm sendo promovidas para o desenvolvimento de um saber/fazer do professor de Geografia mais empático e justo.

Outra maneira de aproximar os graduandos acerca da construção de um ensino geográfico mais empático é através das pesquisas desenvolvidas no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual o pesquisador questiona, investiga, e busca solucionar os problemas encontrados que acabam dificultando o alcance de uma ciência geográfica mais democrática para todos. Sendo assim, além desta pesquisa que está sendo apresentada, estão em desenvolvimento mais cinco pesquisas de TCC, com temáticas que envolvem diversas nuances de uma Geografia da Inclusão.

**Quadro 1-** Lista de TCC's em andamento sobre geografia da inclusão

<b>TÍTULOS</b>	<b>OBJETIVOS GERAIS</b>
O ensino de geografia para alunos com transtorno do espectro autista.	Investigar sobre a importância da Geografia para o desenvolvimento de alunos com autismo. Compreender como a Geografia pode estimular o desenvolvimento social de alguns autistas.
A Viabilidade da criação de uma cadeira eletiva, voltada ao conhecimento da educação inclusiva no Campus III da UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB) Para a melhor formação/preparação do discente do curso de Licenciatura Plena em Geografia.	Analisar a viabilidade da criação de uma disciplina eletiva, na área da educação inclusiva, no curso de Geografia do campus III, Guarabira-PB, com principal propósito o crescimento mútuo, bem como agregar conhecimento para os licenciados em formação.
Contribuições da parceria escola e universidade na formação de professores em Geografia com ênfase no ensino inclusivo.	Avaliar a parceria entre a escola e a universidade, levando-se em consideração a importância dos projetos de extensão, durante o processo formativo dos professores de Geografia com ênfase na educação inclusiva.

## **6 O PERCURSO REALIZADO PELO GRUPO DE PESQUISA SABERES NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA (GPSEG) EM BUSCA DE UMA CIÊNCIA GEOGRÁFICA MAIS INCLUSIVA E EMANCIPADORA**

De acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ, o grupo de pesquisa é um conjunto de pessoas organizadas hierarquicamente, o qual há envolvimento profissional e permanente com atividades de pesquisas, em torno de determinadas linhas de pesquisa em comum. Dessa maneira, os grupos de pesquisa se tornam espaços que proporcionam reflexões, socializações e construções de diversos conhecimentos acadêmicos, contribuindo assim, diretamente com a formação acadêmica e profissional do pesquisador.

De acordo com um provérbio popular “Se quiser ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo”, e isso se encaixa perfeitamente no universo das pesquisas, afinal de contas, os grupos de pesquisas tendem a ofertar, de maneira coletiva, mecanismos importantes para desenvolver as habilidades que corroboram para o olhar criterioso do pesquisador. Como também, contribuir com um retorno direto para a sociedade através de seus estudos e pesquisas, o que desperta um novo olhar para alguns fenômenos, e conseqüentemente, uma cooperação para uma transformação do mundo.

Como afirmam Cavalcante e Maia (2019), os grupos de pesquisas são como um aparato de conhecimento e fonte de novos saberes, pois possibilitam um maior diálogo e aprendizagem pelo debate e discussões. Sendo assim, transitamos para além de um ensino tradicional no qual o professor é posto como o detentor de todo o conhecimento e expõe o conteúdo, e os alunos, por sua vez, apenas absorve de maneira mecanizada o que foi exposto.

Já com uma participação de maneira efetiva dentro de um grupo de pesquisa, os alunos irão construir o conhecimento de maneira coletiva, compartilhando informações e conhecimentos, propiciando uma maior troca de aprendizados e somando suas habilidades. Posto isso, Rossit *et al.* (2018) reafirma a importância do trabalho coletivo, a oportunidade de convivência e aprendizagem compartilhada a partir de princípios norteadores e conhecimentos científicos sólidos, o qual serão propiciados por meio dos grupos de pesquisa que habitam a universidade.

Posto isso, fundado em maio de 2021 e sob a liderança da professora doutora Juliana Nóbrega de Almeida, o Grupo de Pesquisa Saberes na Educação Geográfica (GPSEG) vem com a finalidade de promover discussões que evidencie a importância do papel do professor

de Geografia na sociedade, por meio de sua influência direta nas contribuições da consciência socioespacial da população, proporcionando assim, a edificação de uma sociedade mais igualitária. Como também, o grupo estimula ações e reflexões que auxiliem na contextualização de saberes que possibilitem a efetivação de uma Educação Geográfica emancipatória e diversificada.

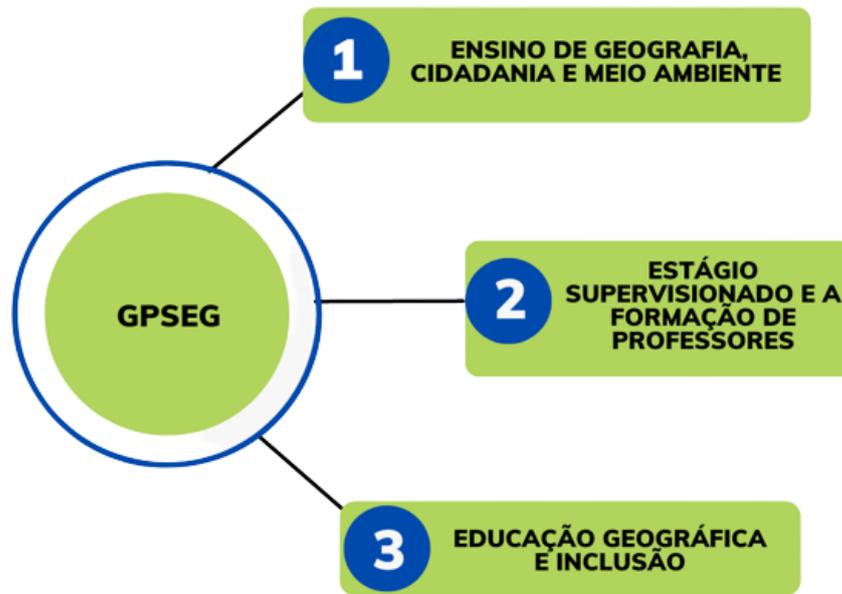
**Figura 8-** Logo do GPSEG/UEPB



**Fonte:** Pedro Lucas da Silva Santos, 2022

Sendo assim, o GPSEG/UEPB vem se solidificando em conjunto com alguns graduandos, professores, especialistas, mestres e doutores, com o intuito de promover um ensino de Geografia feito por todos e para todos. E para isso, é através das discussões fomentadas em nossos momentos de estudo e pesquisa, que vamos adquirindo de maneira coletiva cada vez mais conhecimentos, permitindo assim, com que dessa forma a aprendizagem seja construída de maneira mais efetiva. Bem como, realizando investigações de cunho científico que reflita de maneira direta na sociedade, favorecendo assim, os três pilares da universidade: “Ensino, Pesquisa e Extensão”. Dessa forma, o grupo traçou três linhas de investigação:

**Figura 9-** Linhas de pesquisa do GPSEG/UEPB

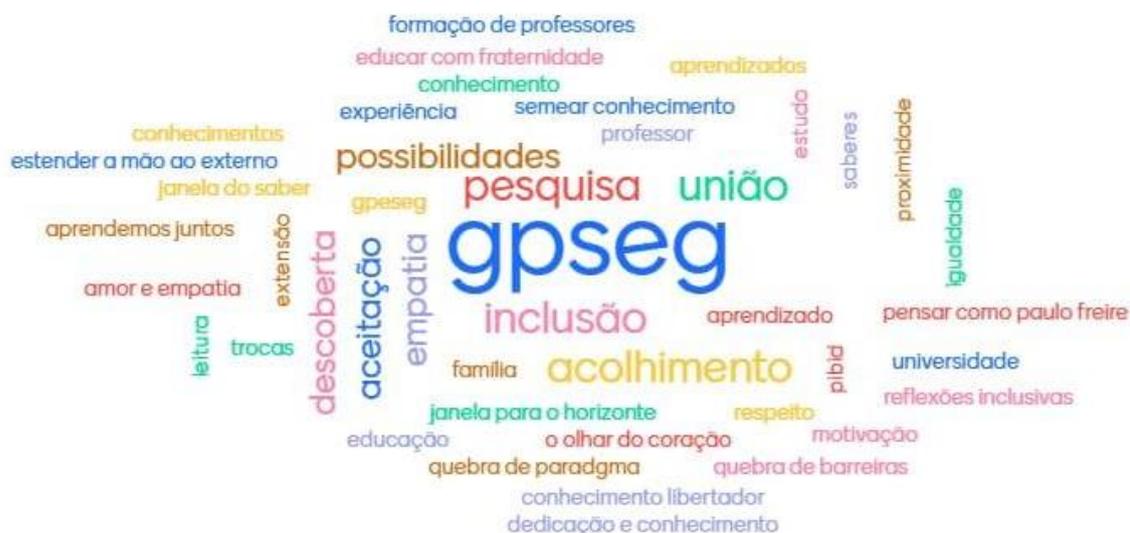


**Fonte:** Elaborado pela autora, 2023.

Nesta última, por sua vez, o GPSEG/UEPB vem se destacando por promover, junto à universidade, uma maior socialização sobre esta temática no meio acadêmico da UEPB, Campus III, CH, através de evento, artigos publicados, aulas de campo e um aumento de debates a respeito de uma Geografia da Inclusão durante o desenrolar de alguns componentes curriculares.

Posto isso, os integrantes do grupo de pesquisa foram instigados a escolher três palavras que na concepção deles, pudessem representar o GPSEG/UEPB; e como resultado foi elaborado uma representação visual por meio de uma nuvem de palavras.

**Figura 10-** O que o GPSEG/UEPB significa para você?



**Fonte:** Samara Albuquerque, 2023.

Dentro desta representação visual podemos perceber que algumas palavras aparecem em maior evidência, significando que um número considerável de alunos optou pela escolha da mesma palavra. Logo, quanto maior a frequência, maior o destaque e a relevância na representação. Com isso, podemos ressaltar a assiduidade da palavra *PESQUISA*. De acordo com Demo (1991) e Freire (1996), é fundamental que os graduandos possuam autonomia no processo pedagógico, e que, é a pesquisa, uma das principais formas de contribuir para o aprendizado e o pleno desenvolvimento, intelectual e de crítica.

Desta forma, ao fazermos parte de um grupo de pesquisa que promova o incentivo e a prática de realizações a pesquisa, estamos sendo possibilitados a desenvolver o poder de questionamento, de análises e intervenções a realidade em qual estamos inseridos. Permitindo também, que o graduando tenha independência para construir seu próprio conhecimento, ultrapassando a barreira de apenas receber de forma passiva do professor.

Duas outras palavras que aparecem em destaque são *ACOLHIMENTO* e *UNIÃO*. Evidentemente, que por ser extensão do ambiente acadêmico, o GPSEG/UEPB é composto por um conjunto de sujeitos múltiplos e particulares que estão reunidos em prol de fazer ciência. Dessa forma, é fundamental que o grupo de pesquisa seja um espaço de respeito às diferenças e, por conseguinte, um espaço que acolha todos os alunos, promovendo nos graduandos um sentimento de pertencimento, favorecendo assim, a concepção de confiança e união mútuos. Para isso, é fundamental, que os membros que compõem o GPSEG/UEPB se apoiem durante esse caminhar no âmbito acadêmico e de pesquisa. É importante que todos estejam dispostos a evoluir juntos, se ajudando, lendo e debatendo juntos, trocando

experiências; se fazendo presente e participativo. Não à toa, que utilizamos a expressão *FAMÍLIA GPSEG*; para nos referir carinhosamente a esse espaço que se transformou em um sinônimo de acolhimento, respeito, união e afeto; logo, uma grande família.

Mais uma palavra que aparece em evidência é *INCLUSÃO*. O GPSEG/UEPB se destaca por ser um grupo que vem levantando a bandeira da Inclusão e traçando caminhos que possibilitem o aumento de diálogos acerca de uma Geografia da Inclusão tanto no âmbito acadêmico, como no chão das salas de aula no ensino regular. De acordo com Bujes (2002):

“[...] A pesquisa nasce sempre de uma preocupação com alguma questão, ela provém, quase sempre, de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que em algum momento, julgamos inabaláveis. Ela se constitui na inquietação (Bujes, 2002, p.14)”.

Portanto, o GPSEG/UEPB se preocupa em como o curso de Geografia do Campus III, CH, está ofertando um ensino pautado em uma pedagogia democrática, no qual forme os discentes e futuros professores de maneira que eles se tornem profissionais mais empáticos e receptivos a diversidade que encontrarão quando adentrarem ao universo das escolas.

Dessa forma, o grupo de pesquisa atua de maneira em que possa abranger a pauta de um ensino inclusivo, e para isso, eles exercem de forma direta a realização de evento com mesas-redondas que evidenciem essas discussões, bem como, aulas de campo, para que os alunos possam ver como a inclusão é aplicada de maneira efetiva na prática. Como também, alguns membros do grupo de pesquisa atuam na elaboração de artigos voltados a um ensino geográfico mais inclusivo e submetem a importantes eventos nacionais, dentre tantos, temos como exemplo o Encontro de Práticas de Ensino de Geografia da UFPE (EPEG/UFPE), e do Congresso Nacional de Educação (CONEDU), a fim de difundir ainda mais os debates acerca desta temática.

Tal como, o GPSEG/UEPB perpetua em três vertentes os seus diálogos acerca de uma Geografia da Inclusão: PIBIC, PIBID, Extensão. No PIBIC, tivemos um projeto aprovado na cota 2022/2023 intitulado: A GEOGRAFIA DA INCLUSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: CONTRIBUIÇÕES DA UEPB/GUARABIRA NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. Esse projeto frutificou-se e originou mais um: FORMAÇÃO DE PROFESSOR DE GEOGRAFIA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR NA UEPB: UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS DE INCLUSÃO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS E INTERVENÇÕES DO ESTÁGIO; que será executado na cota 2023/2024.

Já no âmbito da extensão, o GPSEG/UEPB realizou um projeto chamado: GEOGRAFIA DA INCLUSÃO: VIVÊNCIA, ENSINO E APRENDIZAGEM NUM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE. O qual foi desenvolvido com o intuito de refletir, planejar e agir de maneira mais inclusiva durante as aulas de Geografia; objetivando assim, presenciar na prática as camadas desenvolvidas para proceder de maneira mais emancipatória e inclusiva no chão da sala de aula.

Já os alunos que compõe o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) tem a oportunidade de promover uma conexão dos conhecimentos acadêmicos junto à dimensão prática das salas de aula. Logo, eles têm o privilégio de desempenhar na prática as possibilidades e dificuldades de desenvolver um ensino que abranja todos os alunos, com a perspectiva de que todos são capazes de aprender desde que tenham suas potencialidades respeitadas.

Em função disso, nos deparamos com graduandos, em diferentes vertentes, engajados na busca de uma ciência geográfica mais inclusiva e justa. Posto isso, torna-se essencial que possamos ofertar um espaço de escuta e análise para as experiências e contribuições que os membros do GPSEG/UEPB têm a oferecer.

## 7 CONSIDERAÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS MEMBROS DO GPSEG/UEPB ACERCA DE UMA GEOGRAFIA DA INCLUSÃO

Como bem destacado anteriormente, os membros do Grupo de Pesquisa Saberes na Educação Geográfica, o GPSEG/UEPB, possuem uma vasta bagagem de experiências, estudos e socializações acerca de uma ciência geográfica mais inclusiva. Logo, se fez necessário que desenvolvêssemos um espaço no qual eles fossem convidados a relatar um pouco de suas vivências e conhecimentos adquiridos antes e durante o período da graduação. Sendo assim, foi elaborado mais um levantamento de campo, só que desta vez, direcionado aos membros que formam o GPSEG/UEPB e UEPB e compartilhado por meio de aplicativo de troca de mensagens em um grupo, para fácil acesso de todos os integrantes.

**Figura 11-** Formulário compartilhado com os membros do GPSEG/UEPB

The image shows a Google Forms interface. At the top, the title is 'GPSEG e a Geografia da Inclusão'. Below the title, there are navigation tabs for 'Perguntas', 'Respostas' (with a count of 20), and 'Definições'. The main content area contains the following text:

**O GPSEG e a Geografia da Inclusão**

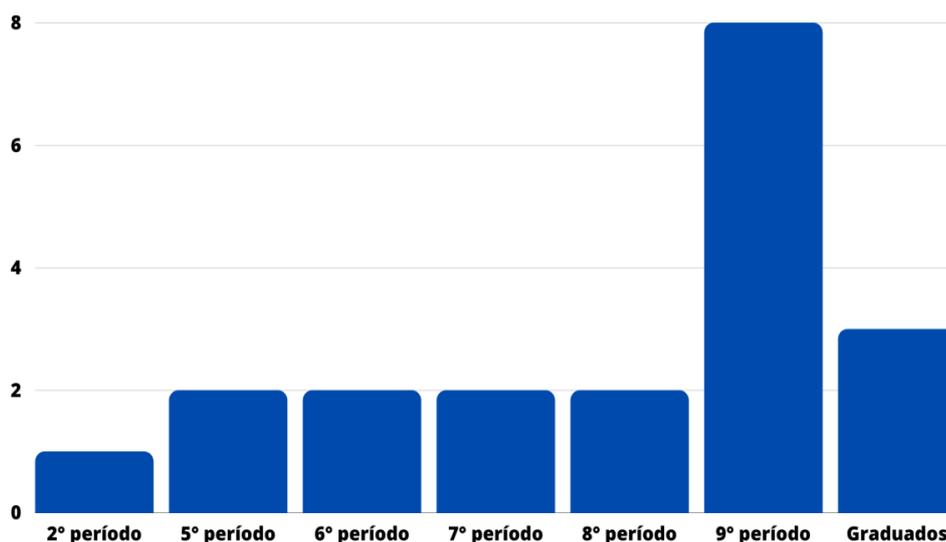
Olá, pessoal! Sou Vitória Thasleny Aguiar dos Santos, atualmente cursando o 9º período do curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. Nesse momento estou desenvolvendo uma monografia que tem como título: **A GEOGRAFIA DA INCLUSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: CONTRIBUIÇÕES DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA, UEPB, CAMPUS III, NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, e gostaria de contar com sua participação para que eu possa coletar e analisar alguns dados acerca dessa relação entre o GPSEG e os estudos voltados para uma Geografia da Inclusão.

Desde já, agradeço sua participação!

**Fonte:** Arquivo da autora (2023)

Obtivemos um total de 20 participações, dentre elas, alunos em diversos períodos distintos do curso de Geografia do CH/UEPB, matriculados nos turnos vespertino e noturno, de idades que variam entre 21 a 27 anos, e que residem em diferentes municípios da Paraíba, bem como, membros já graduados e atualmente professores da educação básica. A distribuição ficou da seguinte maneira: um aluno no 2º período, dois alunos no 5º período, dois alunos no 6º período, dois alunos no 7º período, dois alunos no 8º período, oito alunos no 9º período e três já graduados e professores do ensino regular, conforme a figura abaixo:

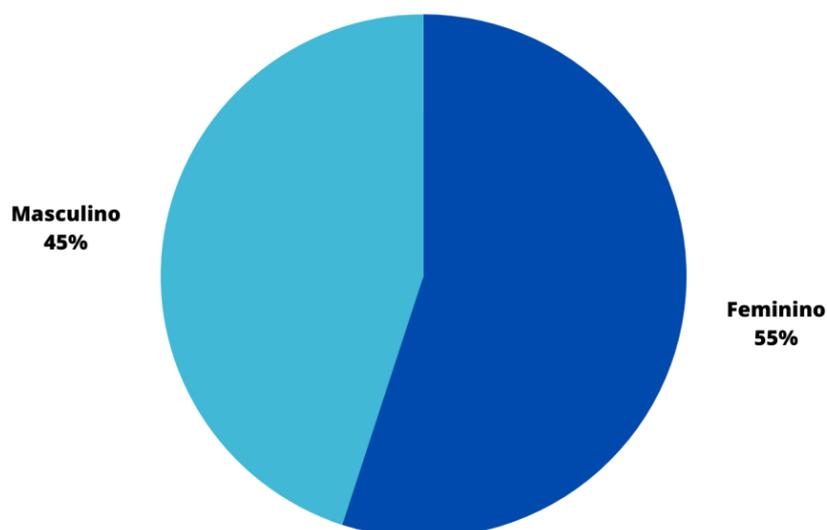
**Figura 12-** Qual período você está cursando?



**Fonte:** Elaborado pela autora (2023)

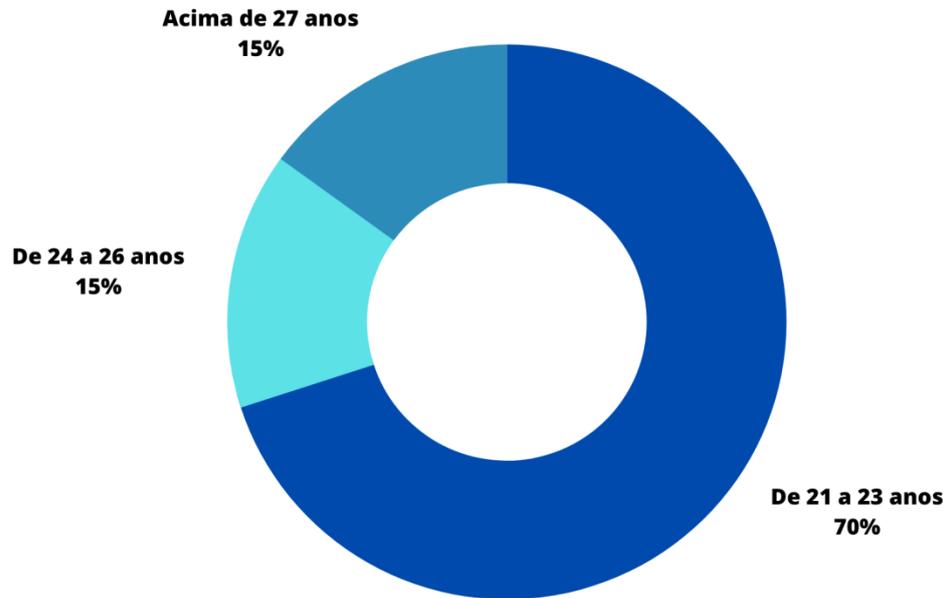
Uma importante especificidade do GPSEG/UEPB é o fato de ser um grupo de pesquisa que possui alunos em diversos períodos diferentes, com diversas experiências e vivências distintas, que ao se encontrarem em um mesmo espaço de estudo, compartilham múltiplos olhares e conhecimentos acerca da ciência geográfica. Reafirmando essa ideia, a partir das figuras 4 e 5 que estão a seguir, nos deparamos com algumas das características dos participantes deste campo da pesquisa, com o intuito de conhecer um pouco mais sobre os membros que formam o Grupo de Pesquisa Saberes na Educação Geográfica:

**Figura 13-** Qual seu gênero?



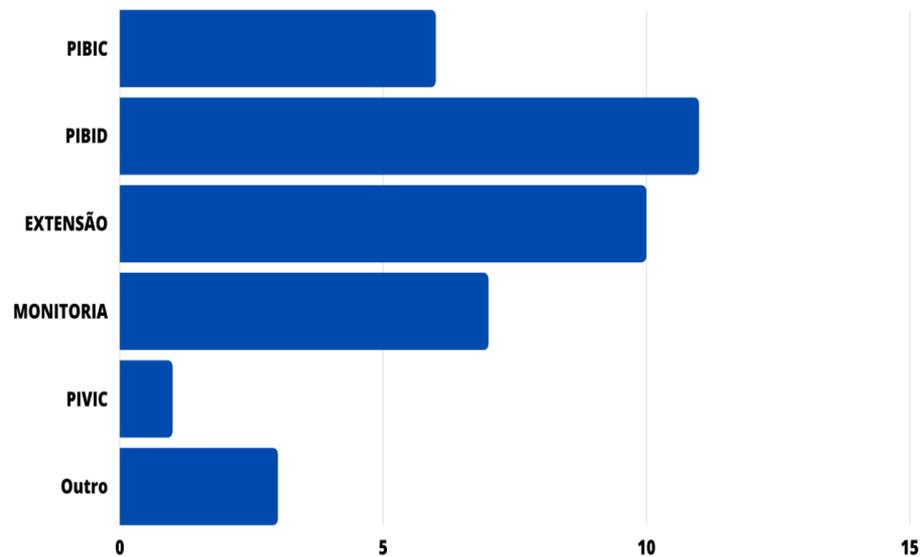
**Fonte:** Elaborado pela autora (2023)

**Figura 14-** Qual sua faixa etária?



**Fonte:** Elaborado pela autora (2023)

**Figura 15-** Você participa ou já participou de algum Programa Institucional?



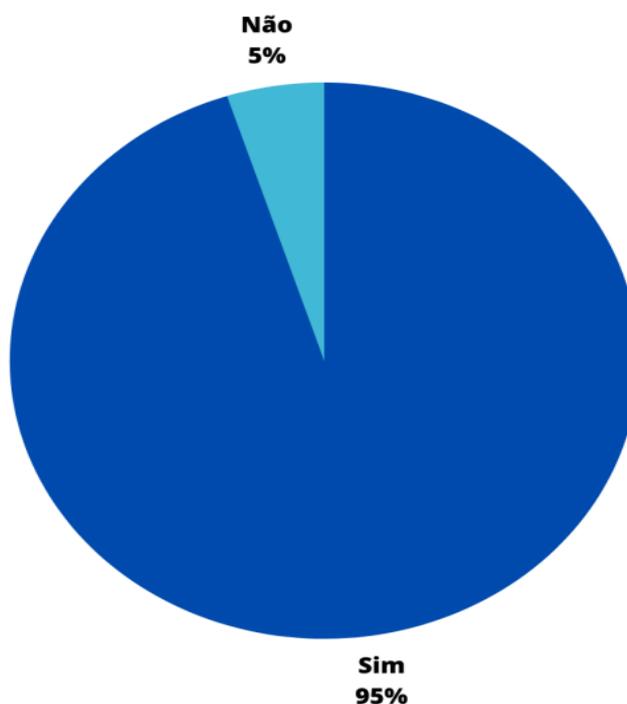
**Fonte:** Elaborado pela autora (2023)

Segundo Flóride e Steinle apud Freire (1991), a gente se faz educador, a gente se forma educador, permanentemente, na prática e na reflexão. Sendo assim, os mais diversos

Programas Institucionais objetivam proporcionar o graduando a vivenciar, por meio deles, a realidade da educação brasileira conhecendo os nuances que envolvem o dia a dia no chão da escola. E conseqüentemente, a pesquisar, refletir e analisar o papel da educação na vida dos alunos e sua atuação direta na construção da sociedade. Dessa forma, torna-se enriquecedor termos membros da família GPSEG desenvolvendo pesquisas e estudos em variados Programas Institucionais, pois através disso, conseguimos obter diferentes percepções acerca do ensino da Geografia.

Inclusive, quando ponderamos nossas discussões acerca de um ensino de Geografia de maneira mais inclusivo, nos deparamos com um grupo de pesquisa que busca aprimorar cada vez mais seus conhecimentos e aprendizagens acerca de um ensino mais emancipatório. Para isso, os membros do GPSEG/UEPB são engajados em leituras, fichamentos, atividades e ações que visam expandir os diálogos sobre um ensino feito por todos e para todos; assim como nos mostra a figura 16:

**Figura 16-** Em relação aos aspectos relacionados a ciência geográfica e a Geografia da Inclusão, você já realizou algumas ações, leituras e/ou atividades, voltadas para uma Geografia mais inclusiva?



**Fonte:** Elaborado pela autora (2023)

Quando os sujeitos da pesquisa foram questionados em quais tipos de ações, leituras e/ou atividades fizeram parte, obtivemos as seguintes respostas:

**Aluno A:** Realizo leituras sobre o ensino de geografia da inclusão, para ajudar nas minhas pesquisas para o PIBID e para o grupo GPSEG, para tomar conhecimento nessa área, e assim trabalhar um ensino de geografia inclusiva na escola, onde todos possam ter empatia, respeito ao próximo, por meio de atividades desenvolvidas.

**Aluno B:** Ações didáticas durante o projeto de extensão que buscavam construir uma Geografia significativa, especialmente, para os alunos que apresentavam alguma deficiência.

**Aluno C:** Participei de uma aula de campo em locais que a geografia da inclusão se faz presente e já fiz algumas leituras breves sobre a temática abordada.

Um dos pontos que vale a pena destacarmos é a importância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na ampliação de diálogos sobre uma Geografia da Inclusão. Bem como ressaltou o Aluno A, o PIBID é uma ferramenta importante para promoção de leituras, ações e reflexões sobre um ensino mais inclusivo, pois o programa busca aproximar os graduandos da realidade das salas de aula no ensino regular da rede pública, fazendo com que dessa forma, se fortifique cada vez mais os laços que conectam as universidades com as escolas. Seguindo essa perspectiva, Cruz (2003) reafirma que:

[...] a prática não será apenas locus de aplicação de um conhecimento científico e pedagógico, mas espaço de criação e reflexão. O professor precisa não só aprender, mas aprender o processo de investigação, incorporando a postura de pesquisador em seu trabalho cotidiano na escola e na sala de aula (Cruz, 2003, p. 3).

Logo, através do PIBID, os graduandos começam a entender com mais afinco as demandas das salas de aula, bem como sua heterogeneidade, fazendo com que dessa forma, os futuros professores de Geografia consigam refletir sua prática docente com base em um ensino que alcance todos os alunos, sem deixar nenhum para trás. Sendo assim, os membros do GPSEG/UEPB que são bolsistas PIBID buscam desenvolver os assuntos geográficos de maneira criativa e dinâmica, de forma que possam possibilitar que todos os estudantes que estejam em sala consigam assimilar o conteúdo e relaciona-lo a seus conhecimentos prévios.

Outro ponto que devemos levar em consideração, são as ações pedagógicas realizadas pelo projeto de extensão, assim como mencionado pelo aluno B, tendo em vista que a extensão é uma espécie de ponte que conecta a universidade com as diversas camadas da sociedade. Sendo assim, foi através dessa extensão, o qual teve três membros do GPSEG/UEPB como bolsistas, que os graduandos conseguiram levar alguns conhecimentos adquiridos na universidade para servir de assistência à comunidade, bem como, os alunos participantes do projeto receberam “em troca” as experiências, as reais necessidades e aspirações da realidade do chão da sala de aula.

De acordo com Silva (1997), é a extensão que possibilita levar a comunidade os conhecimentos que são produzidos através das pesquisas realizadas no âmbito acadêmico, e

que, em alguns momentos, são divulgados por meio de ensaios e artigos científicos. Logo, o projeto de extensão realizado em 2022, foi uma forma de externar de maneira prática, alguns dos estudos e pesquisas que já vinham sendo desenvolvidos pelo GPSEG/UEPB. Como também, foi uma experiência que possibilitou um aprimoramento do olhar mais analítico por parte dos estudantes envolvidos, pois inseridos na realidade da escola, tendo uma troca direta com alunos e com professores do ensino básico, contribuindo no acréscimo de conhecimentos e novas vivências.

Todavia, para fomentar um ensino geográfico mais inclusivo, requer que ultrapassemos algumas barreiras que são fixadas no cotidiano escolar, e que, só na prática das salas de aulas, podemos observá-las a fundo, a fim de criarmos estratégias para supera-las. Quando questionados sobre os desafios o qual se depararam ao trabalhar com uma ciência geográfica mais inclusiva junto aos programas institucionais que fizeram parte, os membros do GPSEG/UEPB afirmaram que:

**Aluno A:** A distração dos alunos, o tempo da aula e a numerosidade das turmas.

**Aluno B:** Muitos alunos para o professor poder atender a todos e dar uma atenção maior aos que apresentam dificuldade.

**Aluno C:** Eu achei um grande desafio conseguir dar a atenção necessária para cada aluno, a sala em si é muito dispersa.

Dentre alguns desafios que foram mencionados, vale ressaltar as salas de aula lotadas. Em alguns casos, os professores se deparam com turmas com entorno de quarenta alunos, tornando-se assim a docência muito cansativa, já que o professor terá que lidar sozinho com todos os alunos. Além de que, torna-se mais difícil chamar atenção dos alunos para os conteúdos que estão sendo trabalhados, da mesma forma, que surgem muitas conversas paralelas durante o decorrer das aulas. Dessa forma, torna-se ainda mais desafiador que o professor consiga criar metodologias mais efetivas para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem de múltiplos alunos e suas particularidades.

**Aluno D:** Pelas leituras que realizei alguns dos desafios são a falta de conhecimento sobre o assunto e a falta de abordagem e de oficinas nas instituições de ensino (inclusive as universidades e faculdades) que estão formando profissionais da educação.

**Aluno E:** A ausência de formação para auxiliar os discentes nas diversas deficiências, assim como recursos/materiais acessíveis para ajudar nas compreensões dos conteúdos.

Uma das principais dificuldades apontadas pelos graduandos trata-se justamente da falta de uma formação inicial que promova diálogos sobre a inclusão de todos os alunos dentro do âmbito escolar. Pouco ou quase nada se é feito para desenvolver atitudes reflexivas sobre como trabalhar conteúdos da ciência geográfica de maneira que todos os alunos possam ter acesso ao conhecimento e que possam ser sujeitos emancipadores em seu processo de ensino e aprendizagem. Para isso, é crucial que se forme e se qualifique professores que consigam reconhecer as diferenças e particularidades dos alunos que ele irá encontrar em sala de aula, aprimorando seu olhar humanitário, de cooperação e de respeito. (Santos; Almeida e Albuquerque, 2023).

Sendo assim, reafirmamos o papel do GPSEG/UEPB como espaço de expansão para reflexões e construções de conhecimento acerca de uma Geografia da Inclusão. Pois, o grupo de pesquisa busca fortalecer os diálogos e as percepções dos alunos perante a realidade heterogênea na qual irão se deparar quando adentram no universo das salas de aula. Corroborando com esta ideia, promovemos o seguinte questionamento para os sujeitos deste campo: Para você qual a importância de ter um grupo de pesquisa que evidencie os estudos voltados para uma Geografia da Inclusão?

**Aluno A:** Sabemos que as discussões a cerca da inclusão é urgentemente necessária e infelizmente os componentes curriculares da graduação, por si e sozinhos, não contemplam essa realidade. Sendo assim, os grupos de pesquisas complementam esse tempo e proporcionam o maior conhecimento dos alunos sobre a temática, lhe permitindo uma formação inicial mais ampliada, especialmente, para lidar com a crescente demanda da sala de aula, onde o numero de alunos que apresentam alguma deficiência é crescente.

**Aluno B:** Extremamente importante, pois através desse grupo de pesquisa, posso buscar, construir e promover conhecimentos que me possibilitem, enquanto futuro docente mais também como ser humano, desenvolver propostas e ações dentro e fora de sala de aula que ajudem na visibilidade e no conhecimento mais amplo sobre a importância e a relevância da inclusão no ensino de geografia e demais disciplinas.

**Aluno C:** Um grupo de pesquisa que enfatize a importância da execução da Geografia da Inclusão na prática é extremamente fundamental, pois prepara o licenciando para essa realidade, para que esteja apto para atender crianças e adolescentes com algum tipo de comprometimento e poder incluí-los nesse ensino da Inclusão. (Inclusive o grupo de pesquisa GPSEG da UEPB, Campus III é um grande exemplo disso, de um grupo que busca constantemente oportunidades de aprendizado sobre a Inclusão, especificamente no ensino de geografia)

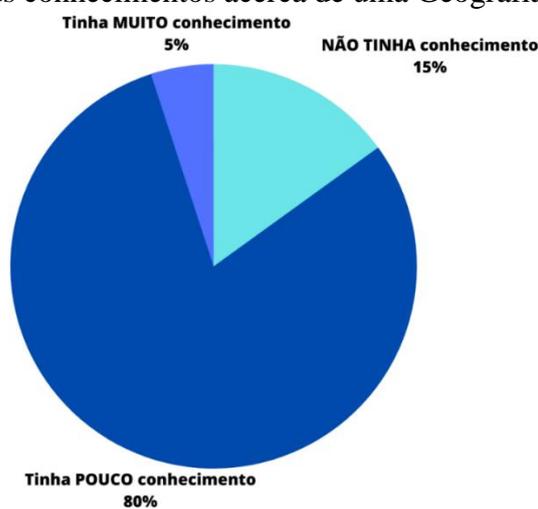
Mais uma vez os graduandos ressaltam a carência de componentes curriculares, e a falta de comunicabilidade, que vise transmitir de maneira eficaz e eficiente os saberes inerentes a um ensino geográfico emancipatório e que permeia todos os alunos, sem exceções. Todavia, como podemos acentuar os caminhos para discussões sobre uma Geografia da

Inclusão, estão se abrindo, vagarosamente, mas se abrindo. E o GPSEG/UEPB, é um meio facilitador para difundir os conhecimentos acerca desta temática, seja através das trocas de conhecimentos entre os participantes do grupo, seja por meio da perpetuação dos diálogos por meio dos artigos científicos e publicações, ou até mesmo através das socializações que ocorrem nas aulas de campo e em eventos.

Bem como ressaltam Cavalcante e Maia (2019), quando os alunos adentram ao universo dos grupos de pesquisa, tem a possibilidade de compartilhar com o mundo as suas descobertas por meio de suas publicações, assumindo assim, um compromisso social, tanto com a universidade, quanto principalmente com a sociedade. Por isso, a importância de promover cada vez mais recursos e oportunidades para que os graduandos evoluam suas pesquisas, gerando um retorno direto a sociedade.

Posto isso, levando em consideração que os alunos não são uma tábua rasa, se fazia necessário que entendêssemos o que os graduandos já tinham de conhecimento acerca de uma ciência geográfica mais inclusiva, antes de fazerem parte do GPSEG/UEPB, assim como mostra a seguinte figura:

**Figura 17-** Antes de participar de um grupo de pesquisa, o que você conhecia sobre inclusão? Quais eram seus conhecimentos acerca de uma Geografia da Inclusão?



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2023.

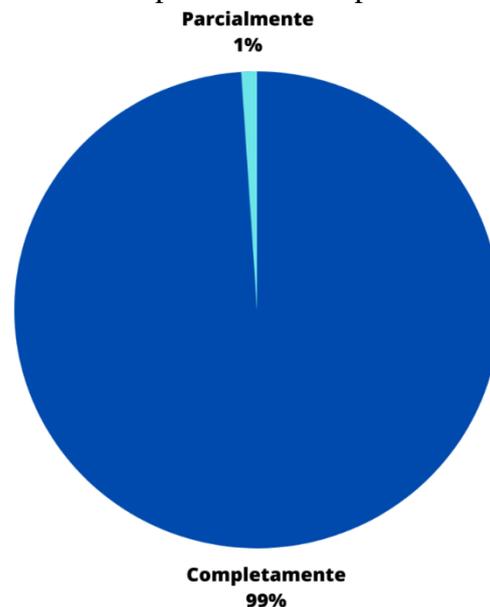
A grande maioria dos sujeitos da pesquisa tinham pouco ou quase nada de conhecimento prévio acerca de uma Geografia mais inclusiva. Por isso, salientamos a importância do Grupo de Pesquisa Saberes na Educação Geográfica (GPSEG) no ato de promover o compartilhamento de ideias e conhecimentos, visando que todos os membros do

grupo construam um aprendizado efetivo e sólido, e que perpassasse pelo meio acadêmico e frutifique no chão das salas de aula.

Corroborando com esta ideia, Anastasiou e Alves (2004, p.13) afirmam que ensinar é “buscar e despertar para o conhecimento”, dessa forma o ensinar, seja ele dentro de um grupo de pesquisa ou não, é fazer com que o a aluno apodere-se do que foi dito e transforme em saber; sendo esse processo chamado, segundo as autoras, de “ensinagem”, o qual engloba a relação entre professor e aluno, e o processo de ensino e aprendizado dentro ou fora das salas de aula.

Sendo assim, queríamos entender a opinião dos membros do GPSEG/UEPB acerca da relação dos benefícios e influência dos diálogos acerca de uma Geografia da Inclusão na construção particular do saber/fazer de cada um destes futuros professores; assim como veremos na figura a seguir:

**Figura 18-** Você acredita que o ato do GPSEG/UEPB em promover diálogos e estudos voltados para uma Geografia da Inclusão influenciam diretamente na construção de práticas inclusivas e no saber/fazer para os futuros professores de Geografia?



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2023.

Sob esse olhar, evidenciamos que à medida que o GPSEG/UEPB vai aumentando os diálogos acerca de uma Geografia da Inclusão, vai influenciando diretamente na construção do saber/fazer dos futuros professores, possibilitando uma ampliação no seu olhar mais empático para com seus alunos, bem como, preparando os graduandos para a heterogeneidade que eles encontrarão em sala de aula, e principalmente, contribuindo para apresentar aos futuros docentes estratégias metodológicas que permitam que eles conduzam os alunos na

assimilação do aprendizado, tendo plena consciência de que todos podem aprender, mas devemos considerar e respeitar o tempo e as particularidades de cada um. Nesta mesma perspectiva, queríamos que os membros do GPSEG/UEPB pudessem relatar com mais precisão sobre a influência destas discussões ofertadas pelo grupo de pesquisa na construção dos seus processos de identidade docente.

**Aluno A:** São fundamentais, mediante as discussões realizadas no grupo enxergo essa temática com outros olhos e com maior sensibilidade, certamente quando eu deparar com casos em sala de aula terei uma postura diferenciada, buscando, apesar das limitações, integrar os alunos no processo de construção do conhecimento.

**Aluno B:** Gigantesca, me preparou e continua me preparando para o que a sala de aula pode nos oferecer e para todos os tipos de alunos que tenho, saber como lidar, saber como ensinar, como trabalhar, saber como incluir esse aluno junto a turma, fazer com que ele construa um conhecimento ao seu modo e aprenda.

**Aluno C:** Enquanto futuro profissional da educação os estudos dirigidos a respeito da geografia inclusiva são fundamental. Precisamos estar preparados para atender toda a demanda e cuidado com nossos alunos e promover de fato a inclusão e não a "exclusão". Oferecendo um ensino de qualidade dentro das perspectivas da geografia da inclusão.

Posto isso, torna-se evidente que as discussões ofertadas pelo GPSEG/UEPB, sobre um ensino geográfico inclusivo, só trazem benefícios positivos para a construção docente de cada um dos futuros professores de Geografia que se dedicam a pesquisar, socializar e atuar de maneira mais inclusiva. Pois, como afirmam Almeida, Santos e Albuquerque (2023), é fundamental que se inicie as reflexões para um ensino inclusivo durante a formação docente, pois é neste ambiente que vai solidificando processos, saberes e fazeres que são inerentes à profissão do professor.

Sendo assim, queríamos compreender um pouco mais acerca da concepção dos membros do GPSEG/UEPB sobre os diálogos que envolvem uma inclusão dentro da formação do professor, levando em consideração tudo o que eles já conheceram e vivenciaram sobre inclusão.

De fundamental importância, na universidade nos preparamos para diversas possibilidades que a escola nos apresenta, aprendemos que na escola e na sala de aula, não existe fórmula pronta e ter um conhecimento e um preparo sobre inclusão já na formação nos torna professores mais preparados e todos os envolvidos ganham, nós enquanto professores, os alunos e a escola que passa a ser também cada vez mais inclusiva.

**Aluno A:** Importante, os professores precisam tomar conhecimento sobre a inclusão e suas práticas são tudo isso só ocorre por meio das trocas de diálogo.

**Aluno B:** Creio que o ensino inclusivo na formação do professor, é meio que uma flor desabrochando, ao longo do tempo ele vai crescer e se tornar peça principal para

uma educação de qualidade, professores que trabalham com essa temática são importantes para a formação docente, pois é a partir deles que acabamos por conhecer e aprender melhor sobre essas formas e maneiras de construir conhecimento.

**Aluno C:** De extrema importância pra prepararmos como pessoas contribuintes para uma sociedade mais humanizada.

Portanto, dentro da universidade, efetivar a inclusão, alicerçando-a em uma emancipação crítica, autônoma e concreta, demandará ações a desbravar possibilidades, sequer pensadas ou instituídas, partindo em direção à busca de sinais, pistas, latências e movimentos coletivos (Santos, 2007). E mesmo que, ainda, considerada como um grande desafio, com muitas questões e entraves a se superar, resultará no encurtamento de distâncias nos caminhos para a inclusão educacional, seja na universidade ou na educação básica (Luz, 2006).

Nessa vertente, salientamos que os passos percorridos em busca de uma educação inclusiva ainda se dão de maneira vagarosa, todavia, precisamos reconhecer que apesar do ritmo da velocidade, já estão surgindo e se solidificando cada vez mais ações e pesquisas a fim de alcançar um ensino feito por todos e para todos.

Mas para isso, assim como salienta Lira (2019), apesar dos avanços que ocorreram nos últimos anos para as pessoas com deficiência, principalmente no campo jurídico, as práticas sociais, inclusive educacionais, ainda precisam galgar novos passos e avanços. Reafirmando esta ideia, questionamos aos sujeitos desta pesquisa, sobre enquanto espaço acadêmico e de formação de professores, quais ações deveriam ser realizadas pela universidade para promover mais discussões sobre o tema da Geografia da Inclusão, abrangendo a parte teórica e prática, objetivando que as discussões causadas na graduação cheguem até o chão das salas de aula, como veremos a seguir:

**Aluno A:** Promover mais palestras, mais projetos, mais ações que façam com que as pessoas, os estudantes se voltem o olhar para uma Geografia da Inclusão, e assim mudem o seu ponto de vista acerca deste assunto.

**Aluno B:** Seminários acerca do tema, assim como, instigar os discentes a ampliar suas pesquisas sobre a educação inclusiva, e o papel da geografia escolar nesse processo. Além disso, na escola é possível conscientizar a cidadania, empatia dos alunos no chão da sala de aula, para que a aprendizagem seja fecunda e significativa.

**Aluno C:** Oficinas de construção de recursos didáticos voltados para geografia inclusiva, laboratórios com esses tipos de materiais citados anteriormente, nos eventos educacionais incluir palestras abordando o tema, ofertar minicursos e quem sabe futuramente incluir eletivas nas universidades sobre a geografia da inclusão, visto que é um tema necessário e de grande relevância para os cursos de licenciatura.

Como afirmam Almeida, Santos e Albuquerque (2023), alguns caminhos que podem ser percorridos para aumentar as discussões sobre uma Geografia da Inclusão, é utilizar as aulas de Metodologia de Ensino e de Estágio Supervisionados para promover mais debates e diálogos sobre esta temática. Bem como, poderia haver criação de novos componentes curriculares que ofertassem um maior aprofundamento sobre a Geografia da Inclusão, como também, utilizar de componentes eletivos, como exemplo Recursos Didáticos e Produção de Textos, para ajudar a promover reflexões e atividades geográficas inclusivas, para permitir que a universidade forme profissionais que estejam aptos atuar em um âmbito escolar plural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formar professores para um ensino geográfico inclusivo requer muitas quebras de paradigmas; sejam elas da exclusão, da padronização de alunos, entre outros. Por isso, devemos encarar o ensino inclusivo como uma semente de uma árvore, a qual será plantada e cultivada dentro das universidades, mas que irá crescer e florescer no chão da sala de aula, e por fim, frutificará nas relações dos seres humanos e em seu convívio na sociedade.

No entanto, apesar da inclusão ser fundamentada pela legislação educacional brasileira, lamentavelmente, na maioria das vezes, essa inclusão ocorre apenas na teoria, pois muitos governos deixam essa temática nas mãos das próprias instituições de ensino, garantindo que dessa forma, elas tenham autonomia para que implementem as ações inclusivas, bem como as adaptações necessárias para a inclusão de todos.

Todavia, a maioria das escolas acaba imergindo na falsa ideia de inclusão, que por sua vez, baseia-se no simples ato de matricular alunos com transtornos globais, e dessa forma, não oferecendo as adaptações físicas e curriculares pedagógicas que são necessárias para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Sendo assim, não basta apenas inserir os alunos dentro do âmbito escolar, mas sim, oferecer meios adequados para garantir a autonomia do alunado, seu aprendizado efetivo, bem como, torná-lo protagonista do seu próprio processo de ensino. Para isso, devemos vencer as barreiras do capacitismo que permanece com uma ideia preconceituosa de que alunos com transtornos globais não são capazes de aprender e de socializar com os colegas e professores.

Contudo, faz-se necessário que repensemos os pilares da educação. Afinal de contas, ela ainda segue um padrão mecanizado no qual tratam a aprendizagem como uma forma de decorar e repetir milimetricamente o que foi repassado pelo professor. E é evidente o fato de que o professor não pode querer que todos os alunos aprendam com as mesmas metodologias e nem ao mesmo tempo, pois todos devem ter a oportunidade de aprender. Por isso, precisamos de professores de Geografia que estejam aptos para ajudar e incentivar nas potencialidades de ensino e aprendizagem dos seus alunos, respeitando seu tempo e suas particularidades.

Posto isso, a formação inicial é a peça central e decisiva, pois influenciará as escolhas, posturas e prática dos profissionais durante a construção de sua profissionalização. Mas para isso é necessário que os professores de Geografia na formação inicial, sejam conduzidos a um

ensino emancipatório, quebrando assim as barreiras da padronização que foram sendo estabelecidas no decorrer do contexto histórico do nosso país.

Reafirmando esta ideia, Santos, Almeida e Pereira (2022), ressaltam que os professores de Geografia em sua formação inicial, devem ser incentivados a uma educação emancipadora e humana, que não deixe nenhum aluno para trás, mas que possam incentivar, acolher e ensinar de maneira efetiva e justa.

Dessa forma, precisamos prepará-los para realizar estratégias de ensino que possibilite habilidades diferentes para o aprendizado. Com esse propósito, é necessário que o professor esteja instruído e preparado para atuar em um ensino geográfico inclusivo, para isso, torna-se fundamental uma formação inicial docente que seja pautada sobre um ensino que inclua todos os alunos sem deixar ninguém para trás, influenciando diretamente em uma escola que seja um lugar mais inclusivo e para todos.

Para isso, a universidade tem papel fundamental em formar professores de Geografia baseados em um ensino geográfico mais inclusivo, visando consolidar processos, saberes e fazeres inerentes a profissão, para que dessa forma prepare o futuro professor de Geografia para a diversidade de sujeitos, sejam eles por terem deficiência ou transtornos globais, no qual irão se deparar ao longo de sua carreira profissional.

Dessa forma, quando passamos a refletir como a Universidade Estadual da Paraíba, CH, campus III, está construindo os processos de ensino e aprendizagem sobre inclusão para os graduandos em formação inicial de Geografia, percebemos que a universidade está avançando em seus diálogos e discussões nas bases que sustentam o ensino acadêmico; que são eles: ensino, pesquisa e extensão.

Todavia, ainda não é suficiente, pois como podemos observar com as análises dos resultados desta pesquisa, muitos graduandos ainda se sentem inseguros e pouco preparados para trabalhar com uma Geografia da Inclusão dentro das salas de aula. Por isso, a urgência de avançarmos progressivamente em busca de uma Geografia da Inclusão, que permeie discussões durante o desenrolar dos componentes curriculares, fazendo o graduando e futuro professor de Geografia refletir sobre como irão abordar os conteúdos voltados à ciência geográfica de maneira que todos os seus alunos, sem distinção, possam assimilar o que está sendo discutido em sala de aula.

Para isso, faz-se necessário uma universidade que incentive, atue e edifique atividades que abordem um ensino geográfico inclusivo, estimulando mais pesquisas e ações pedagógicas que conduzam os graduandos, e futuros professores de Geografia, a refletirem sobre a importância de um professor e professora que conduza seus alunos perante um ensino

que os coloquem como protagonistas de seu próprio processo de ensino e aprendizagem. Com isso, alguns caminhos a serem percorridos é a reflexão sobre como iremos abordar uma ciência geográfica inclusiva dentro de componentes curriculares como Estágio Supervisionado, Metodologias de Ensino, Didática, Cartografia, como também, componentes que abordem uma Geografia Física, como Hidrogeografia, Biogeografia, entre outros. Bem como, a utilização de componentes eletivos que visem dar mais ênfase a estudos, leituras e produção de recursos didáticos inclusivos para possibilitar que o ensino da Geografia seja feito por todos e para todos. E, também, o aumento de palestras, mesas redondas, e aulas de campo que visem apresentar ao futuro professor a teoria e a prática de um ensino inclusivo.

Assim sendo, o ensino da Geografia de maneira inclusiva proporcionará ao aluno uma melhor compreensão e um olhar crítico do meio em que o cerca, tendo em vista que diariamente esse aluno poderá enxergar a Geografia no espaço que está inserido. Vale ressaltar, que o ensino da Geografia é fundamental para a formação de qualquer cidadão, pois ajuda o indivíduo a ter um olhar crítico sobre diversas ocasiões, como também, auxilia no desenvolvimento de suas relações sociais, econômicas e políticas.

Portanto, salientamos que o princípio da educação inclusiva, por sua vez, não deve ser efetivado simplesmente devido à existência de um decreto, mas que seja uma escolha, das instituições, dos profissionais da educação, da sociedade, de cada um que compõe a sociedade. Sendo assim nossa intenção é que, dessa maneira, possamos espalhar essa semente da inclusão, para construirmos um ensino geográfico mais inclusivo para todos que fazem e vivem a educação, seja no âmbito superior ou escolar, de maneira direta ou indireta.

Por fim, esperamos que esta pesquisa sirva de incentivo e apoio para que surjam maiores reflexões em relação a esta temática, aprofundando os estudos acerca de uma formação docente que influencie na busca de um ensino mais humano, igualitário e empático, visto que a Geografia da Inclusão é uma semente que é preparada nas universidades, que passa a ser plantada no chão da sala de aula e que germina para além dos muros das escolas.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, C. N.; et. al. Geografia e inclusão: Práticas Educativas Para Alunos Desatentos. In: **REENCONTRO DE SABERES TERRITORIALES LATINOAMERICANOS**. 14. egal. 2013. Peru.
- ANASTASIOU, L.G.C.; ALVES, L.P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville: UNIVILLE, 2004.
- ASTOLFI, J. P. **El “error”, un medio para enseñar**. Coleção Investigacion e Enseñanza. Sevilla: Díada, 2003.
- BUENO, J.G.S. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 5, 1999.
- BUENO J.G.S. **Educação especial brasileira: integração /segregação do aluno diferente**. São Paulo, EDUC/PUCSP, 1993.
- BUJES, M I. Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, M V. (Org). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 61-84.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.
- CALLAI, H. C. **A geografia escolar–e os conteúdos da geografia**. *Anekumene*, n. 1, p. 128-139, 2011.
- CALLAI, H. C. Em busca de fazer educação geográfica. In: CALLAI, Helena Copetti *et al.* (Orgs.). **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 15-33
- CAVALCANTE, M.S.P; MAIA, M.G.B. A importância dos grupos de estudos e de pesquisas para a formação docente de estudantes de Pedagogia. **Anais Eletrônicos do VI Congresso Nacional da Educação**, Fortaleza, 2019. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA1\\_ID7710\\_15082019125452.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA1_ID7710_15082019125452.pdf). Acesso em: 31 de julho de 2023.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia e Práticas de Ensino. Alternativa**, Goiânia, 2002.
- CROZARA, T. F.; SAMPAIO, A. Á. M. Construção de material didático tátil e o ensino de geografia na perspectiva da inclusão. **Anais Eletrônicos do VIII Encontro Interno/XII Seminário de Iniciação Científica**, Uberlândia. [2008]. Disponível em: <https://ssl4799.websiteseuro.com/swge5/seg/cd2008/PDF/IC2008-0305.PDF>. Acesso em: 17 de setembro de 2022.
- CRUZ, G. B. da. Pesquisa e formação docente: Apontamentos teóricos. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, v. 2, n. 1, 2003.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006, 128p.

DUTRA, V; OLIVEIRA, E. **Mesa redonda como estratégia de ensino-aprendizagem da contabilidade ambiental**. 68ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), 2016.

FERNANDES, A.; “**Utopia**” da Educação Inclusiva e a Formação dos (as) **Professores(as) de Geografia** - Vencendo Paradigmas. Monografia (Bacharel em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em: [http://geografiaememoria.ig.ufu.br/downloads/Antonio\\_Fagundes\\_2005.pdf](http://geografiaememoria.ig.ufu.br/downloads/Antonio_Fagundes_2005.pdf). Acesso em: 1 nov. 2022.

FLÓRIDE, M. A; STEINLE, M. C. B. **Formação continuada em serviço: uma ação necessária ao professor**, 1991. Disponível em:  
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2429-6.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:saberes necessários à prática educativa**. 21.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 156 p.(Coleção Leitura)

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

INCLUSÃO, In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/inclusao/>>.\_Acesso em: 20/03/2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

LIMA PA. **Educação Inclusiva e igualdade social**. São Paulo; AVERCAMP, 2002.

LIRA, S. M. **A Educação Geográfica a Serviço da Inclusão: trabalhando o espaço com estudantes videntes e cegos**. Campina Grande, EDUFCG, 2019.

LUZ, A. A. da. **Uma Educação Que É Legal!É possível a inclusão de todos na escola?** 2006. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2006.

MACHADO, R. **Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2009.

MELO, A. Á.; SAMPAIO, A. C. F. Educação inclusiva e formação de professores de geografia: primeiras notas. **Caminhos de Geografia - Revista Online**, Uberlândia, v. 8, n. 24, p. 124-130, DEZ/2007. Disponível em: <http://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15622>. Acesso em: 1 nov. 2021.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças**. Nova Escola, maio de 2005.

MANTOAN, M. T. E. **Igualdade e diferenças na escola como andar no fio da navalha**. Educação, v. 29, n. 1, p. 55-64, 2006.

MANTOAN, M. T. E. O direito à diferença nas escolas—questões sobre a inclusão escolar de pessoas com e sem deficiências. **Revista Educação Especial**, p. 17-23, 2004.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NASCIMENTO, L. B. P. A importância da inclusão escolar desde a educação infantil. 2014. 49 f. **Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia)**. Departamento de Educação – Faculdade Formação de Professores. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2014.

OLIVEIRA, M. L. T. **Ensino de geografia na contemporaneidade: o uso de recursos didáticos na sua abordagem**. In: Anais... 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia- Portalegre, 2009.

OMOTE, Sadao. **A formação do professor de educação especial na perspectiva da inclusão. Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, p. 153-169, 2003.

PEREIRA, E. F. Concepções Dos Graduandos Do Curso De Licenciatura em Geografia/UEPB (Campus I) sobre a Inclusão e formação para trabalhar com a deficiência visual no contexto escolar. **Monografia de Especialização UEPB**, 2021.

PESSOTTI, I. **Deficiência Mental: da superstição à ciência**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.  
ROSSIT, R.A.S. *et al.* **The researchgroup as a learningscenario in/onInterprofessionalEducation: focusonnarratives**. Interface (Botucatu), v.22, Supl. 2, p.1511-1523. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v22s2/1807-5762-icse1807-576220170674.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SGARABOTTO, A. L.; DURANTI, R. R. T. **Aprendizagem em geografia por adolescentes com deficiência visual em uma escola estadual regular1**. Caxias do Sul, 2006. Disponível em: [http://educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Geografia/art\\_geo\\_visual.pdf](http://educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Geografia/art_geo_visual.pdf). Acesso em: 2 nov. 2021

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007

SANTOS, V.T.A; ALBUQUERQUE, S.A; ALMEIDA, J.N. A Formação do Professor de Geografia e a Inclusão: Tessituras do papel da universidade na construção de um saber/fazer geográfico mais humano e empático. In: SANTOS, F.K.S; BOTELHO, L. A. V; SANTOS, M.F. (Org.) **Educação geográfica, cultura escolar e inovação para além dos “muros”**. Recife, 2023.

SIEMS, M.E.R. **Educação especial em tempos de educação inclusiva: identidade docente em questão**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 194p.

SILVA, M. O. E. Inclusão e formação docente. **EccoS revista científica**, v. 10, n. 2, p. 479-498, 2008., p. 479-498, 2008.

SILVA, O. da. **O que é extensão universitária. Integração: ensino, pesquisa e extensão**, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 148-9, maio 1997.

SILVA, F. F. da. ALMEIDA, J. N. de. **Ensino de geografia e os seus desafios na educação inclusiva: respeitando as diferenças**. Conedu, Campina Grande. 2014.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geografia e trabalho de Campo**. In: Geografia Física Geomorfologia: uma (re)leitura. Ijuí: Editora da UNIJUI, 2002.

TADIF, M. **Saberes Docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. 17 reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DISCENTES DO CURSO DE  
GEOGRAFIA, CAMPUS III, CH, UEPB  
QUESTIONÁRIO 1

Olá, pessoal! Tudo bem? Somos Vitória Thasleny Aguiar, integrante do grupo de pesquisa GPSEG/UEPB e aluna do 7º período, e Samara Anselmo de Albuquerque, integrante do grupo de pesquisa GPSEG/UEPB e aluna do 8º período. Estamos aqui para pedir sua participação em nossa pesquisa intitulada "A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E A INCLUSÃO: TESSITURAS SOBRE O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UM SABER/FAZER GEOGRÁFICO MAIS HUMANO E EMPÁTICO", que tem como intuito promover uma análise acerca de como vindo sendo construído os processos de ensino e aprendizagem sobre a inclusão na formação inicial de professores de Geografia na UEPB, Campus III. Desde já agradecemos sua participação!

- 1) Qual seu gênero?  
 Feminino  
 Masculino  
 Outro
  
- 2) Qual período você está cursando?
  
- 3) Em qual turno você estuda?  
 Vespertino  
 Noturno
  
- 4) Sua formação inicial está preparando você para exercer um ensino de Geografia inclusivo?  
 Totalmente  
 Parcialmente  
 De forma alguma
  
- 5) Você se sente preparado para construir uma Ciência Geográfica inclusiva com seus alunos?

- 6) Você como discente do curso de Geografia, destaca como necessário que em sua formação inicial seja tratado temas relacionados à Geografia da Inclusão? De que forma?
- 7) O que ganhamos em relação à sociedade ao construir uma educação inclusiva na escola?
- 8) Qual o papel do professor frente a construção de uma educação de Geografia da Inclusão?

## APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INTEGRANTES DO GPSEG/UEPB

Olá, pessoal! Sou Vitória Thasleny Aguiar dos Santos, atualmente cursando o 9º período do curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. Nesse momento estou desenvolvendo uma monografia que tem como título: A GEOGRAFIA DA INCLUSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: CONTRIBUIÇÕES DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA, UEPB, CAMPUS III, NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, e gostaria de contar com sua participação para que eu possa coletar e analisar alguns dados acerca dessa relação entre o GPSEG/UEPB e os estudos voltados para uma Geografia da Inclusão.

Desde já, agradeço sua participação!

1. Qual período você está cursando?

2. Qual o seu gênero?

( ) FEMININO

( ) MASCULINO

( ) OUTRO

3. Qual sua faixa etária?

( ) De 18 a 20 anos

( ) De 21 a 23 anos

( ) De 24 a 26 anos

( ) Acima de 27

4. Qual seu município?

5. Você participa ou já participou de algum Programa Institucional? Se sim, marque a alternativa correspondente:

( ) PIBIC

( ) PIBID

( ) MONITORIA

- PIVIC
- EXTENSÃO
- OUTRO

6.Em relação aos aspectos relacionados a ciência geográfica e a Geografia da Inclusão, você já realizou algumas ações, leituras e/ou atividades, voltadas para uma Geografia mais inclusiva?

- SIM
- NÃO

7.Explique qual tipo de ação, leitura e/ou atividade que você participou:

8.Caso você tenha desenvolvido ações voltadas para uma Geografia da Inclusão, quais desafios você se deparou ao trabalhar com uma ciência geográfica mais inclusiva junto ao programa que faz parte?

9.Para você qual a importância de ter um grupo de pesquisa que evidencie os estudos voltados para uma Geografia da Inclusão?

10.Antes de participar de um grupo de pesquisa, o que você conhecia sobre inclusão? Quais eram seus conhecimentos acerca de uma Geografia da Inclusão?

- NÃO TINHA conhecimento
- Tinha POUCO conhecimento
- Tinha MUITO conhecimento

11.Você acredita que o ato do GPSEG/UEPB em promover diálogos e estudos voltados para uma Geografia da Inclusão influenciam diretamente na construção de práticas inclusivas e no saber/fazer para os futuros professores de Geografia?

- Completamente
- Parcialmente
- De forma alguma

12. Quais contribuições destes estudos dirigidos sobre uma Geografia inclusiva na sua construção como futuro professor de Geografia?

13. Qual importância de ter uma socialização sobre uma Geografia da Inclusão durante a formação docente?

- Preparar melhor os graduandos para as múltiplas realidades e vivências da relação professor e aluno.
- Motivar os alunos a entender as diversidades culturais, sociais, de gênero, entre outras, existentes na sociedade.
- Entender que nem sempre os processos de ensino são pautados apenas no uso de metodologias e recursos.
- Compreender a importância da diversidade no convívio do âmbito escolar e na sociedade.

14. Após os conhecimentos adquiridos sobre uma Geografia da Inclusão, você acredita que ao se tornar professor atuará de maneira empática e inclusiva? Explique:

15. Diante tudo que você já conheceu e vivenciou sobre inclusão, qual é a sua concepção sobre os diálogos acerca da inclusão dentro da formação do professor?

16. Enquanto espaço acadêmico e de formação de professores, quais ações deveriam ser realizadas pela universidade para promover mais discussões sobre o tema da Geografia da Inclusão, não só de maneira teórica, mas também de maneira prática, objetivando que as discussões causadas na graduação cheguem até o chão das salas de aula?

Agradecemos ao CNPq/UEPB pela concessão de Bolsa de Iniciação Científica.